



Caro Educador!

É com muita alegria e satisfação que apresentamos os **Cadernos de Formação da Escola da Escolha** dirigidos aos **Anos Iniciais do Ensino Fundamental**.

Essa coleção consolida os esforços para a realização de uma das ambições do nosso Instituto: influenciar e apoiar equipes na adoção de processos de gestão e pedagógicos, para efetivar o Modelo da Escola da Escolha como política pública bem-sucedida nos estados e municípios onde atua como parceiro.

Um desses processos refere-se à oferta de meios para a formação das Equipes Escolares e das Equipes Gestoras dos Programas das Secretarias de Educação, tendo em vista que esse processo não se encerra nos primeiros contatos com o Time ICE, mas se estende em um movimento formativo contínuo que busca assegurar a todos o pleno domínio do entendimento e capacidade de aplicação dos fundamentos do Modelo da Escola da Escolha, seja no cotidiano único, complexo e desafiador do universo escolar, seja no âmbito das Secretarias, na implantação e expansão dos respectivos Programas.





Esta coleção é apresentada num conjunto de **cinco volumes** assim denominados:

O PRIMEIRO VOLUME

- Caderno Memória e Conceção – Conceção do Modelo da Escola da Escolha
- Caderno Memória e Conceção – Conceitos
- Caderno Memória e Conceção – Educação Inclusiva

O SEGUNDO VOLUME

- Caderno Modelo Pedagógico – Conceção do Modelo Pedagógico
- Caderno Modelo Pedagógico – Princípios Educativos
- Caderno Modelo Pedagógico – Eixos Formativos

O TERCEIRO VOLUME

- Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Metodologias de Êxito
- Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Rotinas e Práticas Educativas

O QUARTO VOLUME

- Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Espaços Educativos
- Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Gestão do Ensino e da Aprendizagem

O QUINTO VOLUME

- Caderno Modelo de Gestão – Tecnologia de Gestão Educacional
- Caderno Escola da Escolha – Palavras Fáceis para Explicar Coisas que Parecem Difíceis

Cada volume concentra dois ou três cadernos com temas distintos para os quais existe uma lógica para leitura, embora não exista uma hierarquização de conteúdos quanto à sua importância, tendo em vista que eles são interdependentes e se complementam entre si.



Orientamos, portanto, que a leitura seja iniciada pelo primeiro volume e assim sucessivamente. Em alguns momentos, no entanto, é possível que a leitura seja alternada com consultas a outros cadernos ou mesmo que sejam feitas leituras dedicadas à medida que os mesmos sejam citados.

O **primeiro volume** é a nossa “breve história de quase tudo desde o início”. Ele traz o **Caderno Memória e Concepção – Concepção do Modelo da Escola da Escolha**, onde é apresentada a história da criação do Modelo, de onde partiu a sua motivação, as dificuldades e oportunidades envolvidas, os atores que fizeram parte e que contribuíram para a sua elaboração, bem como a evolução desde a sua implantação no Ginásio Pernambucano em 2003.

No final deste Caderno, apresentamos o conjunto de Referências Bibliográficas utilizadas na concepção de todos os Cadernos e recomendadas para os seus estudos. Elas são apresentadas de acordo com os respectivos cadernos (embora, ao estudá-los, você observará que um autor se repete em diferentes cadernos). **Em destaque encontra-se a obra do Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa**, predominantemente presente no conjunto das referências. Ele e sua obra são uma tarefa fundamental para todo educador da Escola da Escolha, além de um convite irrecusável para conviver acadêmica e poeticamente com um dos mais imprescindíveis brasileiros.

Ainda neste volume, introduzimos os primeiros elementos de natureza conceitual do **Modelo com o Caderno Memória e Concepção – Conceitos**, onde são apresentados os conceitos sobre temas fundamentais que amparam o arcabouço conceitual e filosófico do Modelo. Nessa linha, é apresentado o **Caderno Memória e Concepção – Educação Inclusiva**, tema transversal à toda formação dos estudantes e dos educadores e basilar neste Modelo, inclusivo por natureza. Seu conteúdo é comum aos três níveis de ensino da Escola da Escolha (Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) porque nele apresentamos os conceitos que fundamentam o **Modelo da Escola da Escolha** como sendo plenamente alinhados ao que preceitua a legislação e as abordagens e perspectivas inclusivas.





Na sequência é apresentado o **segundo volume** e nele encontra-se o marco teórico de uma das duas estruturas do Modelo da Escola da Escolha, qual seja, o **Modelo Pedagógico**. Sua leitura permanente e atenta é imprescindível para o domínio do Projeto Escolar que se materializa na prática pedagógica. Aqui se encontram: **Caderno Modelo Pedagógico - Concepção do Modelo Pedagógico**, **Caderno Modelo Pedagógico Princípios Educativos** e **Caderno Modelo Pedagógico - Eixos Formativos**.

No **terceiro volume** são introduzidas as inovações concebidas para trazer do plano teórico-conceitual as ideias elaboradas e dar-lhes corpo no Projeto Escolar a partir de um conjunto de definições em torno de um currículo comprometido com a integralidade da ação educativa. Essa materialidade se mostra nos cadernos **Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Metodologias de Êxito** e **Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Rotinas e Práticas Educativas**.

Ainda na sequência das inovações, é apresentado o **quarto volume**, onde se encontra uma leitura muito própria do ICE sobre os espaços educativos da escola quanto à sua concepção, funcionalidade e intenção pedagógica para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A percepção que trazemos sobre a interrelação entre a Arquitetura e a Educação, bem como sobre a influência nos processos de ensino e de aprendizagem, e por consequência no desenvolvimento de pessoas, se encontra no **Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Espaços Educativos**. Neste volume, também apresentamos as inovações quanto à coordenação dos procedimentos, processos e instrumentos da gestão do ensino e da aprendizagem anunciados no **Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Gestão do Ensino e da Aprendizagem**.

O **quinto volume** traz o marco teórico da segunda estrutura do **Modelo da Escola da Escolha: o Modelo de Gestão**. Aqui, a leitura dedicada e constante do **Caderno Modelo de Gestão – Tecnologia de Gestão Educacional** é fundamental para o domínio do Modelo da Escola da Escolha na sua integridade. Aqui, em especial, tem-se ainda mais clareza das relações estabelecidas entre o Modelo Pedagógico e o Modelo de Gestão, e do quanto essas duas estruturas coexistem e se conservam mutuamente. A pri-





meira nutre-se dos princípios e conceitos, instrumentos de planejamento e operacionalização da segunda para transformar o trabalho pedagógico em resultados concretos, mensuráveis, sustentáveis e perenes; a outra faz-se presente no diálogo pedagógico pelo profundo alinhamento conceitual e filosófico que traz seus princípios de base humanista, e integra as tecnologias específicas da comunidade escolar para transformar a visão e a missão da escola em efetiva e cotidiana ação.

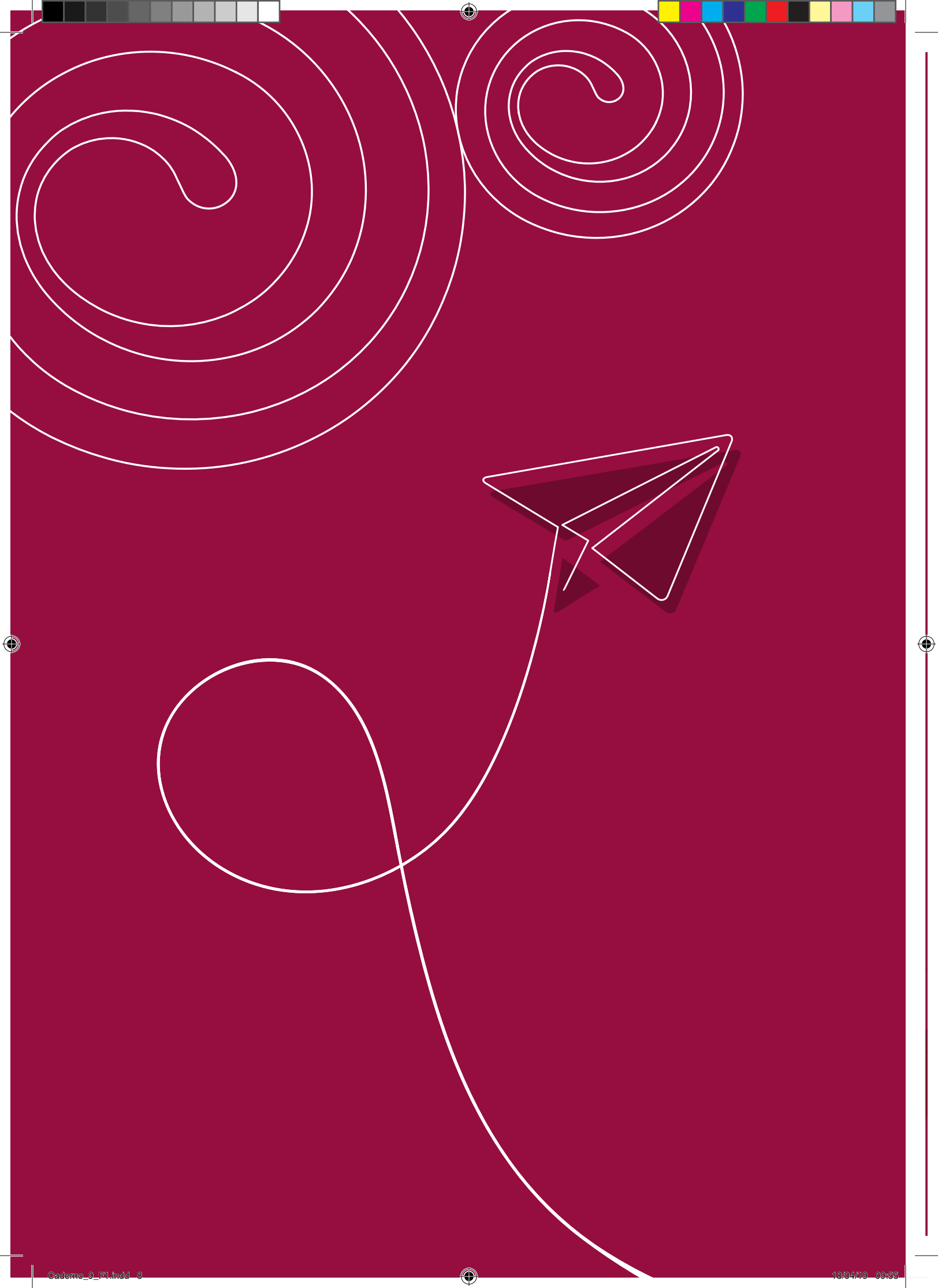
O **Caderno Escola da Escolha – Palavras Fáceis para Explicar Coisas que Parecem Difíceis** encerra o quinto volume. Ele é um caderno “bem diferente” porque não se encontra em nenhuma das categorias acima (Memória, Pedagógico, Gestão, Inovação...). E o que ele é, afinal? Ora, ele é isso que se diz dele: uma coleção de palavras essenciais para ajudar a compreender coisas muito importantes, que, da forma como são apresentadas, parecem complicadas, mas em essência, não são. Além disso, traz também algumas referências teóricas fundamentais, linhas de pensamento e os seus mestres e uma ou outra organização cujos estudos são referências importantes para o ICE. Nele você encontrará elementos para apoiar a sua prática na Escola da Escolha dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas ele também traz elementos que se referem aos Anos Finais do Ensino Fundamental, bem como ao Ensino Médio, porque também se destina a esses dois níveis de ensino. A vida do Time ICE nas escolas brasileiras nos proporciona uma riqueza sem fim de situações sobre as quais aprendemos muito. Trouxemos algumas dessas situações aqui porque elas se transformaram em recomendações e são ilustrativas de elementos formativos do Modelo. Para nós elas valem muito e valem pelo estatuto da experiência que carregam.

Bem-vindo à Escola da Escolha! Nela trabalhamos pelos mais importantes projetos brasileiros e, certamente, os mais desafiadores e valiosos para a Equipe Escolar: os Projetos de Vida dos estudantes.

Bom estudo!

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação





Inovações em Conteúdo, Método e Gestão

**Espaços
Educativos**

**Anos Iniciais
Ensino Fundamental**



Realização

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

PRESIDENTE

Marcos Antônio Magalhães

EQUIPE DE DIREÇÃO

Alberto Chinen

Juliana Zimmerman

Thereza Barreto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização: Thereza Barreto

Coordenação: Amalia Ferreira

Supervisão de Conteúdo: Thereza Barreto

Redação: Liane Muniz, Juliana Zimmerman, Renata Campos, Reni Adriano e Thereza Barreto

Leitura crítica: Alberto Chinen, Amalia Ferreira e Elizane Mecena

Edição de texto: Korá Design

Revisão ortográfica: Palavra Pronta

Projeto Gráfico e Diagramação: Korá Design

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

JCPM Trade Center

Av. Engenheiro Antônio de Góes, 60 - Pina | Sala 1702

CEP: 51010-000 | Recife, PE

Tel: +55 81 3327 8582

www.icebrasil.org.br

icebrasil@icebrasil.org.br

2ª Edição | 2019

© Copyright 2018 - Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. "Todos os direitos reservados"



Olá Educador!

Esse é o **Caderno Inovações em Conteúdo, Método e Gestão – Espaços Educativos**. Nele você conhecerá os espaços e ambientes educativos dos Anos Iniciais da Escola da Escolha organizados de maneira onde todos convivem e aprendem. Cada espaço e ambiente traz especificidades e, por essa razão, eles serão dispostos em dois blocos denominados: Ambientes de Aprendizagem (onde também se aprende) e Ambientes de Convivência (onde se convive e se aprende pela convivência). Traremos os elementos que permitem a sua interação com o projeto escolar, abordaremos a interrelação da Arquitetura com a Educação e sua influência nos processos de ensino e de aprendizagem, bem como no desenvolvimento de pessoas.

Os temas abordados neste caderno são:

Os Ambientes de Convivência

- Falando com as paredes
- Os corredores que favorecem encontros
- O estacionamento dos automóveis e... as bicicletas também
- Verde por onde eu for
- O jardim das flores, das cenouras... e da beleza
- Um refeitório para chamar de nosso
- Banheiros que educam
- Área de entrada da escola
- O Espaço para o Encontro
- A Sala dos Professores, dos estudos... e do cafezinho.

Os Ambientes de Aprendizagem

- A Biblioteca e a sua nobre tarefa educativa
- A Brinquedoteca
- O Ateliê Criativo
- A sala de aula como local de referência e pertencimento
- A Eureka-teca, espaço de experimentação e descobertas
- A Sala para Estar

Desejamos que você realize bons estudos e desenvolva excelentes práticas.

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação



A parte que vem antes

O Modelo Pedagógico da Escola da Escolha traz no conjunto das suas inovações em conteúdo, método e gestão uma leitura muito própria sobre os espaços educativos da escola.

Essa leitura e sua aplicação, materializada nos ambientes de convivência e de aprendizagem apresentados neste Caderno de Formação, fundamenta-se na literatura e na urgente e necessária atualização imposta pelos desafios do que significa educar no século XXI, corporificada nas questões abaixo:

- Há quase 20 anos o século XXI começou. Mas, continuamos a organizar a escola e, em especial, a sala de aula, do mesmo modo como as gerações passadas faziam quando boa parte de nós — educadores — éramos estudantes. Como criar espaços na escola que permitam uma aprendizagem verdadeiramente significativa e efetiva para nossas crianças?
- Como lidar com conteúdos diversificados que mudam em velocidade semelhante àquela com que vemos a sociedade mudar, sendo que a gestão desses conteúdos se dá num ambiente estático como a escola atual?

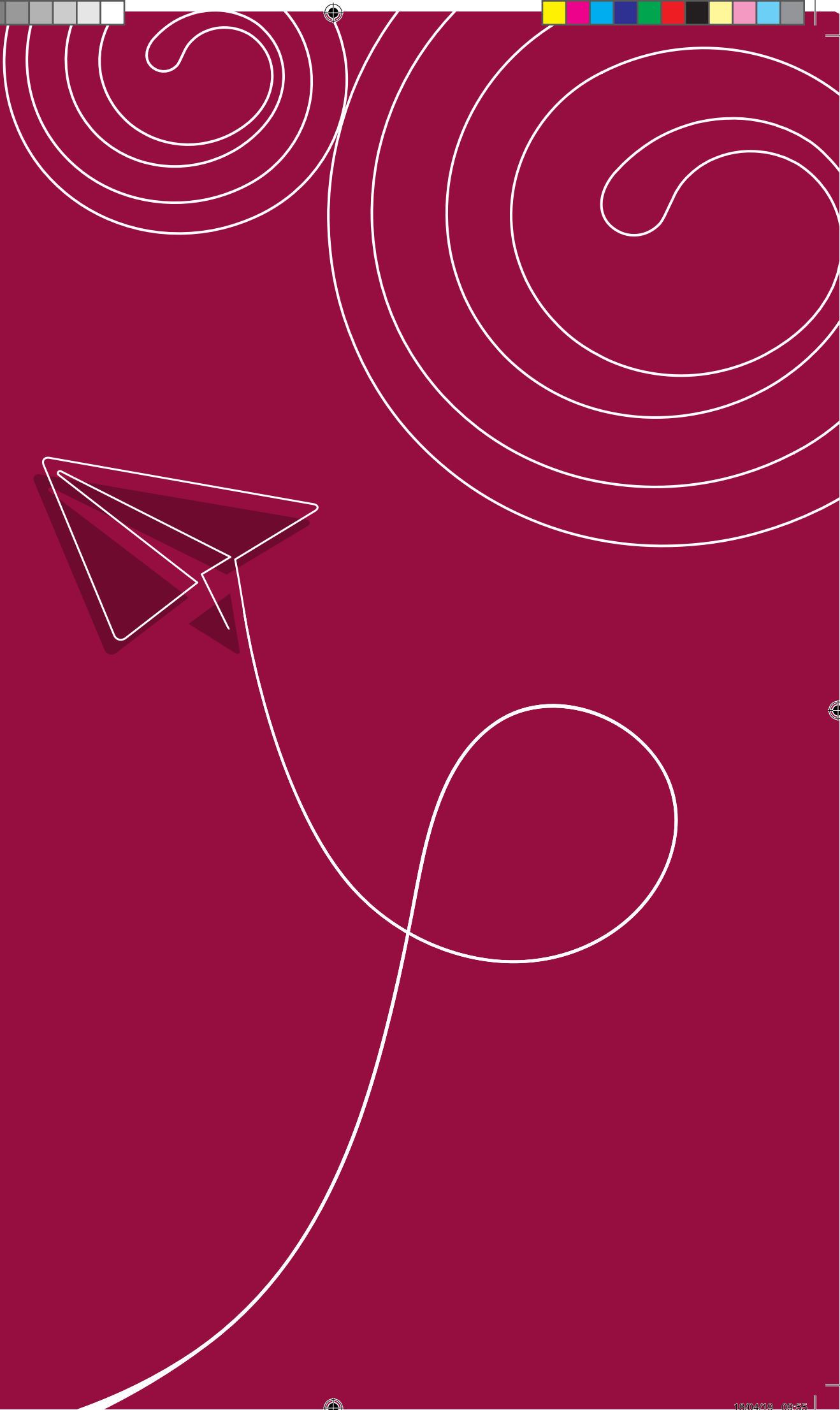
A experiência acumulada pela convivência com os muitos educadores e estudantes protagonistas em suas escolas localizadas nos diversos municípios brasileiros, tem nos permitido conhecer uma imensa diversidade de projetos escolares. Essa diversidade é rica não apenas em virtude dos aspectos geopolíticos, sociais, culturais e econômicos, mas também de uma possível percepção que educadores, estudantes e famílias têm (ou não) sobre a influência da arquitetura escolar no projeto pedagógico e a sua relação com a educação de qualidade, obrigação do Estado Brasileiro e, portanto, direito dos estudantes ainda não assegurado na sua plenitude.



A visão da Escola da Escolha quanto aos espaços físicos está ancorada no que determina o Decreto Federal 5296/04 e seus desdobramentos nas Normas Brasileiras (ABNT NBR, também chamada apenas de NBR, que é a sigla para Norma Brasileira, aprovada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas) que preveem que os espaços de uso público e comum devem ser acessíveis para todas as pessoas. Outro ponto importante presente no conceito de espaços educativos no Modelo da Escola da Escolha é a necessária ampliação do uso da Libras nos diversos ambientes como forma de romper barreiras atitudinais, tendo em vista que essa linguagem é considerada por lei a 1ª língua do Surdo; e os sistemas educacionais devem criar condições para que a escola atue na garantia deste direito.

Neste Caderno, apresentaremos os Espaços Educativos tratados em suas especificidades e organizados, para **fins didáticos**, como: a) Ambientes de Convivência e b) Ambientes de Aprendizagem (sem que isso signifique, obviamente, que existam ambientes onde apenas convivemos e outros onde apenas aprendemos). Também abordaremos a riqueza da relação do par “pedagogia e arquitetura” operando na interação com o projeto escolar e os ambientes de aprendizagem e de convivência para além da escola na sua relação com a comunidade.





Os Espaços Educativos e o cotidiano escolar

“Como edificação, a escola corporifica a sua visão de educação e de como ela forma os sujeitos que constituem a sociedade.”

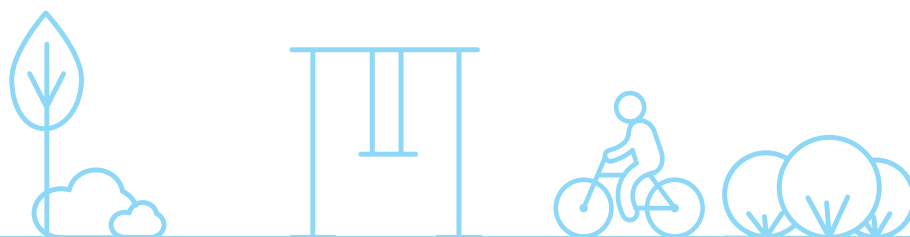
Thereza Barreto

Introdução

A escola é espaço público, local de encontro e interação social. Nela as crianças aprendem e conhecem o mundo pela exploração permanente e descobertas provisórias. Seu espaço físico não pode ser concebido como um simples lugar “cheio de estudantes”. Ele é mais que isso. Esse lugar deve promover relacionamentos, encontros, tanto entre as crianças, como entre elas e os adultos que fazem parte de suas vidas. Por isso, os ambientes não podem representar ou ter fronteiras definidas, sejam elas como físicas (muros, divisórias, grades), imaginárias, fruto de uma condução pedagógica segmentada, ou ainda, atitudinais, que separam, ainda que simbolicamente, os considerados “diferentes” no espaço escolar. Tudo deve permanentemente convidar e atrair os olhos e os corpos de um espaço para o outro. Todos os dias, todas as pessoas, em todos os momentos.

Assim, esse espaço é, em essência, o lugar onde se processa o desenvolvimento do ensino e das muitas aprendizagens, e por isso, deve ser analisado como resultado da expressão cultural de uma comunidade: porque reflete e comunica aspectos que vão muito além de sua concretude e dos seus elementos construtivos.

Essa é a perspectiva adotada nos espaços educativos dos Anos Iniciais da Escola da Escolha. Pensar na escola como uma edificação e nos seus ambientes educativos implica numa leitura que extrapola o aspecto pedagógico: torna-se necessária uma abordagem que considere uma arquitetura escolar influenciada pela pedagogia e uma pedagogia concebida para educar e assegurar a atuação das crianças como protagonistas autênticos do desenvolvimento de suas potencialidades, das suas próprias descobertas e da construção do seu conhecimento.





Para isso, os espaços educativos (e as pessoas também!), devem ser flexíveis de maneira a permitir modificações frequentes, tanto pelos professores quanto pelas crianças, estando permanentemente atualizados, adequados e sensíveis às potencialidades e necessidades dos processos de ensino e de aprendizagem.

Nos espaços educativos dos Anos Iniciais da Escola da Escolha, as crianças participam, não são expectadoras passivas, são protagonistas e chamadas permanentemente a atuar, sendo sempre encorajadas a se expressar por meio de diversas linguagens ao longo do dia por meio de palavras, cantos, movimentos da cultura corporal, desenhos, colagens, pinturas, montagens, esculturas, dramatizações, entre outras formas.

Na convivência nestes espaços, as crianças são encorajadas a tomar decisões e a fazer suas próprias escolhas, às vezes em cooperação com os seus colegas ou com o apoio dos educadores, estimulando o desenvolvimento da sua autoconfiança.

Na Escola da Escolha, os ambientes de aprendizagem são diversos espaços dotados de conteúdos educativos, isto é, contêm mensagens carregadas de estímulos e neles, tudo declara: “este é um lugar onde todos convivem, ensinam e aprendem permanentemente”.

Múltiplas percepções sobre o espaço

Espaço... termo polissêmico que nos leva da matemática à geografia, ao meio físico do universo e ao caractere invisível e vazio do teclado do nosso computador.

Aqui partimos do conceito de espaço como espaço dinâmico, de produção de sentido e de significados (Lefebvre, 1991; Harvey, 2010), em vez de um espaço inerte e sem forma. Um espaço por si só, onde há apenas o vazio, não é o espaço conforme compreendido no Modelo da Escola da Escolha. O espaço existe e passa a se constituir quando há prática social. Por isso, na escola, o espaço físico é visto diferentemente por cada um e são as experiências vividas que o constituem como um espaço de significação, e sua relação com o tempo é dinâmica.

Todo espaço físico é constitutivo de processos de subjetividade. Por não existir atitude sem corpo, a relação com o espaço diz muito dos nossos valores e das escolhas que fazemos na vida. O espaço se organiza conforme a nossa percepção de mundo e, inversamente, interagir com o espaço, modificando-o, produz em nós percepções novas sobre o próprio espaço, sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre nós mesmos. É assim que qualquer mudança educacional significativa refletirá na postura física daquele que aprendeu. A simples organização das cadeiras e mesas na sala de aula de forma circular, em vez das





*Do grego, “hábito”,
“costume”. Cf. Dicionário
Houaiss da Língua
Portuguesa: “Conjunto
dos costumes e
hábitos fundamentais,
no âmbito do
comportamento
(instituições, afazeres,
etc.) e da cultura
(valores, ideias ou
crenças), característicos
de uma determinada
coletividade, época
ou região”.*

típicas fileiras, por exemplo, produz nos estudantes e professores a percepção de que se tornaram outras pessoas, porque outras são as possibilidades de relação entre eles e o ambiente e entre eles próprios.

No Modelo da Escola da Escolha adotamos como um dos Princípios Educativos a Educação Interdimensional. Na leitura do que nos traz esse princípio para orientar a prática pedagógica, temos claro que a formação humana não se limita a conteúdos ou temas de natureza intelectual, pois aprende-se com o **corpo todo!** Sendo assim, na Escola da Escolha existe uma “pedagogia da arquitetura”.

Refletir sobre os espaços educativos na Escola da Escolha implica levar em conta o modo como as abordagens pedagógicas se distribuem nos seus espaços (internos e externos) e o modo como ela se insere no seu entorno social. É sempre importante lembrar que a escola dialoga com o espaço que ocupa na sociedade como equipamento de educação e cultura.

Uma pesquisa rápida sobre ambientes de convivência em contextos escolares evidencia um foco na normatização e na criação de regras de convivência. Não como competências básicas que assegurem a sociabilidade saudável necessárias em qualquer espaço, mas como algo enfático em primeiro plano, como se ao apagar, chamar a comunidade escolar para refletir sobre o uso do ambiente, o que surge primeiramente não é a sua melhor utilização, mas uma oportunidade de inculcar normas e regras de convivência. Isso resulta, em última instância, em uma configuração prévia e condicio-



nante das relações escolares, dificultando precisamente a elaboração de usos criativos e inovadores desses ambientes. Em vez da confiança na criatividade, foca-se na desconfiança controladora.

Aprende-se a conviver convivendo, e se é a escola o lugar por excelência de aprendizagem, o que importa é criar oportunidades de relações saudáveis que possam, no exercício educacional, ser capazes de criar coletivamente um ethos que expresse, acima de tudo, o pertencimento dos que ali interagem. No lugar de regras estabelecidas sem a possibilidade de diálogo, o principal é propiciar o usufruto dos ambientes como abertura à criatividade, ao refinamento das interações, ao zelo pelos locais de convivência, ao encorajamento no investimento de afetos por parte das pessoas que ali convivem, tornando-os convidativos e abertos às expressões singulares. Em suma, um lugar onde se aprende a “ser” a partir das próprias descobertas do outro e com o outro.

Nesta rica interação e passagem nos espaços e tempos da escola, aprende-se com o corpo todo. Por isso, quando alguém se dirige de um agrupamento a outro, quando se aproxima o horário dos compromissos, existe um movimento corpóreo típico, que sinaliza essa passagem. Pode ser uma palavra de despedida, um titubeio entre um recuo ou avanço do corpo, a indecisão entre reduzir ou apressar o passo, um retorno súbito para o interlocutor para proferir uma última palavra no último instante... enfim, recursos mais ou menos refinados – a depender do grau de intimidade que se tem com os interlocutores e o grau de etiqueta aí esperado – que regulam as interações. Posto isso, é inevitável questionar se são justificáveis mecanismos como os sinais sonoros, cortando o fluxo das interações de modo brutal e verticalizado.



**Na vida adulta, não é necessária a estridência dos
“sinais sonoros” convocando para compromissos.**

**Importa, então, questionar se faz sentido o uso de “sirenes”
pontuando o início e o término das atividades escolares.**

Nesse sentido, cabe o questionamento:

**justifica-se tamanho barulho nos espaços sociais onde o que
deveria vir para primeiro plano é o refinamento dos sentidos?**





Os ambientes de convivência e as suas possibilidades de ampliação

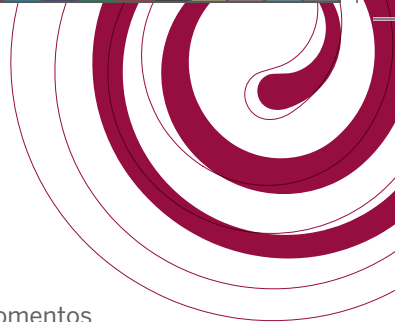
Muitas pessoas não frequentam equipamentos públicos de cultura – como, por exemplo, bibliotecas e centros culturais – por imaginarem que esses espaços não foram feitos para elas. Dar o primeiro passo para mudar esse conceito é parte da missão pedagógica da escola. Por outro lado, nesse mesmo contexto em que, muitas vezes, os estudantes esperam tão pouco – ou nada – das instituições de ensino, não “ousando” sequer sonhar com um mínimo alargamento de seus horizontes, com a projeção de si próprios no futuro, quando eles se deparam com uma escola de educação integral realmente transformadora, descobrindo que ali o foco é a valorização da vida de cada um, algo acontece. E esse “primeiro algo” que acontece é, precisamente, de natureza espacial: a escola se mostra um espaço novo, pensado nos mínimos detalhes para as aspirações dos estudantes, e isso refletirá em novas disponibilidades corpóreas para a aprendizagem. Ainda que para as crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental essa percepção não se faça de maneira tão madura e clara, ela também se revela como um lugar de “coisas novas”, um lugar de descobertas.

É a partir dessa primeira disponibilidade corpórea que os estudantes serão chamados, na Escola da Escolha, desde o primeiro dia do ano letivo, à construção e às práticas em Protagonismo, porque serão recebidos por uma prática educativa chamada “Acolhimento”. A escola se torna então **o lugar, por excelência, do gesto** e, como tal, precisa encorajar cada vez mais essas disponibilidades, valorizando os espaços de convivência como espaços abertos.

O que se quer estabelecer aqui é a **ampliação da percepção em torno dos ambientes de aprendizagem**, mesmo nos momentos em que “não se está em aula”. Para muitas Equipes Escolares, as salas de aula não são espaços exclusivos nem privilegiados de aprendizagem. A configuração das salas de aula (que podem se modificar continuamente, conforme as necessidades) vai depender das disponibilidades corpóreas e simbólicas, do nível de diálogo, de contato e de trocas que se quer propiciar. Esse mesmo critério pode, inclusive, implicar em abordagens pedagógicas fora dessas salas, para além dos espaços tradicionais de aprendizagem. Portanto, o que se pretende abordar aqui é a qualificação dos chamados “espaços de convivência”, entendidos como espaços usuais nos momentos de ócio na unidade escolar, isto é, aqueles momentos em que não se está “em aula”.

Nessa perspectiva, a Biblioteca aparece como um espaço muito especial. Isso porque, mesmo nas escolas em que a ênfase da docência incide sobre as salas de aula, a Biblio-





teca consegue conjugar “naturalmente”, em termos de importância, tanto os momentos em que se “está em aula” como os momentos em que “não se está em aula”. É um território aberto e flexível de múltiplas passagens. Por essa razão – e pelos valores e recursos mobilizados pela promoção da leitura, como alteridade, hospitalidade, ludicidade, ócio criativo, etc. – a Biblioteca é uma forte aliada na qualificação dos espaços de convivência. Sua utilização não deve se dar pela imposição da leitura, e sim pela expressão e gestos típicos das atividades da Biblioteca, oferecendo opções criativas e contando sempre com o envolvimento das crianças para os momentos de ócio no contexto escolar.

Contudo, não se quer defender aqui que é preciso estar sempre “acontecendo alguma coisa”, deliberadamente, nesses espaços. Garantir também condições para o aconchego, para a solidão e para o silêncio é extremamente importante para que as crianças, que ficam o dia inteiro fora de casa e muitas vezes não têm essa possibilidade de trabalho interior no ambiente doméstico, possam ter seus momentos de devaneio tranquilo, de sonho, de pequenas trocas em grupos reduzidos, elaborando suas percepções pessoais. Entre as crianças, sempre vai haver aquele cantinho favorito de determinados grupos, ou mesmo de um único indivíduo. E tanto quanto os momentos de trocas coletivas entre todos os estudantes, esses pequenos agenciamentos e aconchegos mais restritos devem ser respeitados.

Onde, afinal, “estaria” isso que temos chamado de “ambientes de convivência”? Estaria em tudo aquilo que todas as escolas, pelo simples fato de serem um prédio escolar, já possuem: corredores, quadras, jardins, pátios, refeitórios, quiosques, antessalas, salas ociosas, estacionamentos, etc. E mesmo naquelas escolas em que, durante a elaboração do projeto arquitetônico, foram pensados espaços especialmente para essas interações em momentos de ócio, todos os outros espaços continuam a demandar investimentos criativos e afetivos como lugares de encontro que são. Importa muito que todo o projeto arquitetônico da escola esteja à disposição das múltiplas interações possíveis propostas pelas crianças. Para tanto, é necessário que estejam abertos, ou seja, disponíveis para além dos aspectos meramente funcionais para os quais foram pensados, possíveis para outras disponibilidades e expressões corporais que ultrapassem as “típicas” posturas exigidas nas escolas.

Naturalmente, essa ampliação do uso dos ambientes de convivência se refletirá para além do domínio do prédio escolar. Em uma relação de mútuos reflexos, o que se aprende dentro da escola se aplica também fora dela, e o que se aprende fora da escola pode também qualificá-la nas dimensões aqui tratadas. Esse é um fator que não pode ser desconsiderado, uma vez que põe em jogo a apropriação do direito ao usufruto de todos os espaços disponíveis na cidade – praças, teatros, centros culturais, bibliotecas, jardins, quadras, etc. – e na demanda por políticas públicas para que se criem outros. Além disso, põe em questão em que medida as escolas podem contribuir para que outras pessoas da comunidade na qual elas se inserem usufruam dos seus equipamentos como bens culturais. E isso será possível de diferentes formas, como convidando as pessoas para os



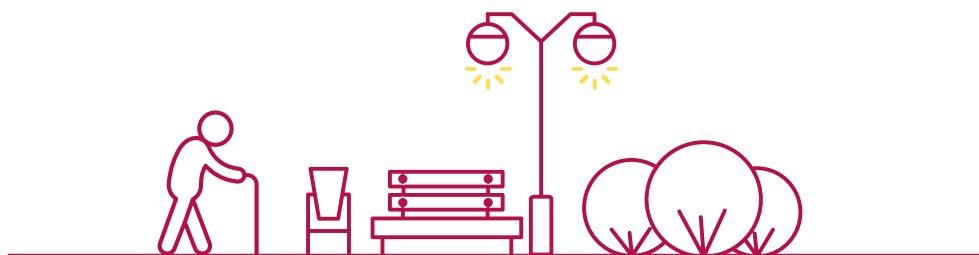


eventos escolares, possibilitando – por meio da Equipe Escolar e estudantes protagonistas (4º e 5º anos) com o apoio dos pais e responsáveis ou outros familiares – a abertura da Biblioteca aos finais de semana, a concessão do uso da quadra às pessoas da comunidade, oferta de atividades recreativas para as crianças da “vizinhança”, oficinas variadas ministradas pelas próprias crianças com o apoio da Equipe Escolar ou por pessoas da comunidade que queiram contribuir com seus talentos e múltiplas habilidades, a exemplo dos pais e responsáveis ou outros familiares.

Com toda essa abertura necessária às demandas criativas da comunidade escolar, novos ambientes e oportunidades poderão ser criados e reconfigurados, de forma **fixa, móvel ou provisória**. Por exemplo, a construção de um jardim, de uma horta, brinquedoteca, galerias para mostras diversas, ateliês para diferentes oficinas, acervos itinerantes, postos de esclarecimentos sobre determinados assuntos do momento ou de utilidade pública, jogos, circulação de jornais escolares, fixação de quadros informativos, audições musicais, instalações e performances artísticas, projeções audiovisuais, entre outros que podem ser resultantes, inclusive das atividades vivenciadas no Ateliê Criativo ou pensadas a partir da Eureka-teca (dois ambientes de aprendizagem apresentados a seguir).

É preciso ter uma visão ampliada do lugar-escola, dos seus ambientes de convivência e dos seus atores. A escola deve criar condições para que todos usufruam da sensação de que são importantes nesse lugar e que todos que convivem neste espaço podem ensinar alguma coisa na convivência com o outro, que todos aprendem pela experiência. Para isso, é necessário favorecer a criação, entre outros, de ambientes comuns para as crianças na escola e estimular a convivência, a exemplo da Biblioteca, do palco para apresentações, dos parques, da área externa para explorar o corpo e o movimento, dos ambientes para a observação e a experimentação, dos ambientes para as artes e suas expressões, bem como espaços planejados com objetivos educativos aos quais todos devem ter acesso.

As atividades ao ar livre promovem oportunidades de liberdade para exploração de suas possibilidades motoras enquanto investigam a natureza, reduzem o estresse e desenvolvem a autorregulação emocional, favorecendo interações sociais positivas.





Os ambientes de aprendizagem e convivência do par “Pedagogia e Arquitetura”

São inúmeros os estudos sobre a “pedagogia da arquitetura” relativos a estratégias, metodologias e tecnologias para a promoção do ensino e do aprendizado, entre outros. Mas são restritos os estudos que tratam da influência da arquitetura na educação, de modo particular na escola, como ambiente arquitetônico e sua interferência no processo de aprendizagem e de desenvolvimento de pessoas, considerando a influência das estruturas espaciais sobre o comportamento humano.

Ainda que restritos, esses estudos indicam a existência de uma área que vem ganhando importância entre os educadores quando se analisa o processo educacional como um todo: **o bem-estar do estudante e sua relação com o ambiente escolar**. O papel do meio físico, da estrutura onde se dá o ensino, onde se processam as inúmeras interações, onde se convive e onde todos passam grande parte do seu tempo, fez surgir o que a literatura chama de Arquitetura Escolar.

Espaços coletivos são concebidos e edificados por meio do domínio do conhecimento técnico (da arquitetura e das engenharias, por exemplo) e nessa concepção há que se ter a responsabilidade de considerar a imensa influência da definição e uso dos espaços, da escolha dos mobiliários e materiais, revestimentos e equipamentos, bem como a natureza e as suas cores no comportamento humano.

A arquitetura tem a responsabilidade de construir esses espaços considerando que eles interferirão por gerações na vida das pessoas. E a pedagogia deve interagir para criar um ambiente estética e pedagogicamente agradável e estimulante para toda a comunidade escolar.

A seguir, apresentamos os Ambientes de Convivência e os Ambientes de Aprendizagem.

a. Ambientes de Convivência

Convivência implica em viver em proximidade, ter relações cordiais, dar-se bem... e isso pressupõe, entre outras coisas, a capacidade de se comunicar.

Para apresentar os ambientes de convivência, vamos começar falando com... as paredes!

Sim, as paredes falam, assim como os outros espaços da escola. Eles falam por intermédio do seu volume, do seu mobiliário, da sua função, da condição em que se encontram, das suas cores, revestimentos...





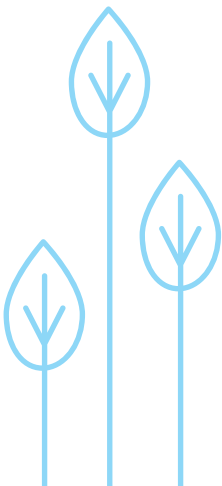
FALANDO COM AS PAREDES

As paredes falam conosco, nos comunicam e nos educam. Elas não são apenas...paredes? Não, não são apenas paredes. Quando tratadas como espaço para abrigar murais e painéis que comunicam informações, campanhas, projetos e simultaneamente revelam ideias e valores da escola, podem também tornar ainda mais presente a escrita na rotina escolar.

As paredes funcionam como estratégia para ampliar a comunicação entre todos os atores que participam da escola, ampliando também a sua integração.

Para tanto, deve-se considerar:

- **A altura onde são afixados os painéis e murais**, tendo atenção com o tamanho das letras, a harmonia das imagens e das cores. Eles devem ser acessíveis tanto para as crianças quanto para os adultos;
- **O envolvimento das crianças, pais, responsáveis e familiares** e educadores na elaboração de murais para comunicar aquilo que se faz na escola é uma forma de valorizar o trabalho de todos. Há diversos tipos de murais que não envolvem custos demasiados como mural de cortiça, mural de ripa de madeira, mural de tecido (ou de feltro), ou ainda o mural varal (corda de varal de roupas ou barbante). Uma dica: Se a escola dispuser de uma rede de voleibol em desuso, ela pode ser perfeitamente reaproveitada como mural, esticando e afixando as suas pontas com parafusos;
- A necessidade de **atualizar periodicamente** os informativos, avisos etc. Informação de interesse público com data vencida passa a mensagem de descuido com a comunicação e de desinteresse pelas pessoas;
- As paredes podem ser consideradas como grandes galerias de “arte provisória”, desde que os artistas concordem em terem suas obras apagadas periodicamente. Pode-se aplicar certo tipo de tinta sobre a qual se pode escrever, desenhar, pintar e, depois, apagar com pano úmido.





OS CORREDORES QUE FAVORECEM ENCONTROS

Palácios, castelos e muitas outras edificações não possuíam corredores, o que levava as pessoas a atravessarem os ambientes, uma porta atrás da outra. Os corredores foram inventados e, numa tentativa de convencer as pessoas sobre a nova maravilha, o inventor bradava:

- Corram! Corram! É muito mais rápido ir pelo corredor. Vejam que maravilha. Diz a lenda que assim nasceu o corredor.

Os corredores são ambientes que servem de passagem, de circulação e estão circundados de outros ambientes como salas de aula, banheiros, biblioteca, refeitório, cozinha etc. Eles não existem sozinhos. São também espaços de comunicação e de encontro que aproximam as pessoas, favorecem a integração da comunidade e estimulam a criação da própria identidade escolar. Na Escola da Escolha o corredor pode ser um lugar onde as crianças se encontram. Para os Pais e Responsáveis e as famílias pode ser o local no qual eles se atualizam sobre eventos que estão acontecendo na escola. Para os educadores, pode ser lugar de muitas trocas e encontros também. Todos podem fazer usos muito diferenciados dos corredores. Nesse sentido, humanizá-los e torná-los agradáveis é fundamental.

Para tanto, deve-se considerar:

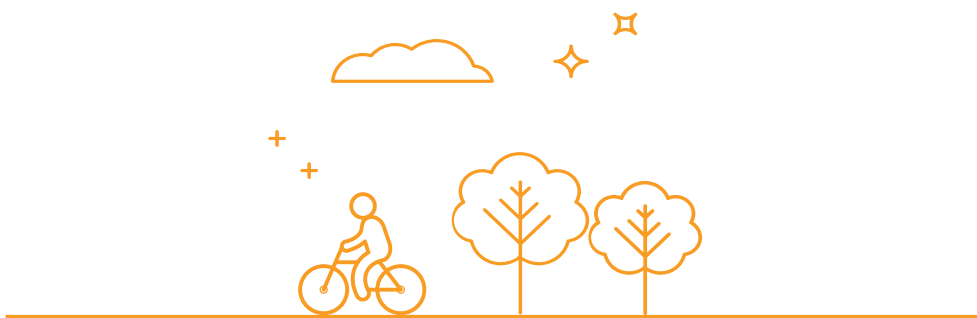
- Que **vasos de plantas nos corredores** nem sempre significa custo para o orçamento. Pode-se promover uma grande campanha junto às crianças, toda a Equipe Escolar, visitantes e vizinhança para torná-la “verde” por meio da doação de vasos, sementes e mudas de fácil plantio. Além disso, as atividades de rega e poda são excelentes oportunidades para integrar a comunidade e corresponsabilizá-la pela manutenção da “vida verde” que foi concebida coletivamente. Mas, atenção: há escolas cujos corredores são estreitos e outras, muito mais largos. Há que se ter cuidado com o tipo de intervenção a ser feita. Se forem muito estreitos, não é recomendável colocar vasos de plantas e lixeiras no piso, para permitir que as crianças circulem com maior autonomia nos horários de “pico”;
- Que nos corredores também podem ser dispostos **os armários** das crianças dos 4º e 5º anos, organizados de maneira que não obstruam as passagens, se essa for a opção da escola para guardar os materiais;





- Nas paredes dos corredores também podem ser afixados os murais elaborados para que as crianças, pais, responsáveis, familiares e educadores possam comunicar aquilo que se faz na escola.

A comunicação visual existente nas escolas deve ser compreendida por pessoas com todos os tipos de deficiência. Os quadros de avisos e placas de sinalização e orientação de usuários devem ter textos curtos, com letras grandes, acompanhados de símbolos e devem ser colocados no nível dos olhos de uma pessoa em cadeira de rodas. Devem ser instalados sinais de alerta com luz para avisar aos usuários surdos de eventuais emergências. ([Http://saci.org.br/pub/livro_educ_incl/redesaci_educ_incl.html](http://saci.org.br/pub/livro_educ_incl/redesaci_educ_incl.html))



O ESTACIONAMENTO DOS AUTOMÓVEIS E... DAS BICICLETAS TAMBÉM!

Em geral, o estacionamento para automóveis prioriza a Equipe Escolar e visitantes, devendo reservar vagas para pessoas com deficiência e idosos, conforme legislação.

Mas é importante estimular a adoção de outros recursos para mobilidade, a exemplo da bicicleta. Portanto, deve ser assegurada área para bicicletário.

Introduzir nas escolas o tema mobilidade torna-se cada vez mais urgente porque este é considerado assunto de interesse público, tanto em virtude do crescente número de óbitos causados por incidentes nas vias, quanto pelo esgotamento da malha viária urbana brasileira.

Existem instituições que orientam como estruturar de forma adequada, funcional e otimizada o estacionamento das bicicletas, de maneira que o tema não seja tratado indevidamente como “um transtorno” porque ocupará um espaço antes destinado aos automóveis.





Para tanto, deve-se considerar:

- Que o **espaço destinado para a permanência dos automóveis** não deve ser localizado próximo às janelas das salas de aula, para impedir tanto os ruídos como a criação de reflexo da luz nos para-brisas, que ofuscarão os usuários das salas;
- Que o **bicicletário** deve se localizar, preferencialmente, num local onde haja movimentação de pessoas para que esteja em maior segurança.

Há prefeituras que adotam como política pública a educação para utilização de outros recursos para mobilidade e disponibilizam **bicicletários móveis** em estrutura metálica para as escolas.

VERDE POR ONDE EU FOR

O ser humano e a natureza são pares indissociáveis. As crianças, em especial e mais frequentemente que os adultos, têm uma forte relação com o ambiente externo.

A oferta de amplas possibilidades para as crianças explorarem o ambiente externo é altamente recomendável. Se a escola dispuser de área verde, é possível projetar uma trilha, circuito de corrida, caminhadas etc.

As conexões entre o interior e o exterior dos ambientes da escola podem ser otimizadas ao máximo por meio de vistas, terraços, salas de aula ao ar livre e quiosques em alvenaria, que podem ser usados para leitura, conversas, celebração de aniversários etc.

As áreas externas conectadas às salas de aula localizadas no interior da escola também permitem que as atividades que usam materiais como água, terra, etc., possam ser manuseados com maior liberdade.



CONSULTAR:

AMECICLO – Associação Metropolitana dos Ciclistas do Grande Recife
<http://www.ameciclo.org>. Acessado em 29/09/2017

Bicicletários – Diretrizes para estacionamento de bicicletas – Transporte Ativo
https://drive.google.com/file/d/0BxR5Ri6g5X_ZdzIPNzVDM0JSczg/view
<http://bit.ly/2xMe1cQ>. Acessado em 29/09/2017





Para tanto, deve-se considerar:

- Na execução do **projeto de uma trilha acessível**, o tipo de solo e a ocorrência de alagamentos;
- Que **terraços e outros ambientes externos** não necessariamente requerem construção (nova edificação) e muitas vezes podem apenas passar por um processo de adaptação e adequação de um ambiente que já existia na escola, a exemplo de um depósito que acumula mobiliários e outros equipamentos sem uso;
- Se há meios de garantir a devida **segurança**, caso seja adotada a conexão de áreas externas às salas de aula;
- A garantia de capinação periódica para a devida utilização e circulação nos espaços.

O JARDIM DAS FLORES, DAS CENOURAS E... DA BELEZA!

O jardim nos remete à ideia de espaço ao ar livre para cultivo e apreciação de plantas, flores, pequenos animais e outras formas de vida presentes no meio ambiente. É também a área que geralmente se localiza entre o portão da escola e a primeira área construída (a secretaria da escola, a recepção, a direção etc). Quando esse espaço é bonito de se ver, quando não tem lixo, entulhos ou não é simplesmente uma “área vazia”, a impressão que a escola causa para quem chega é muito boa e corresponde ao que se espera desse ambiente.

Um jardim com árvores, trepadeiras, arbustos, flores variadas e gramado transmite uma boa sensação, refresca e perfuma o ambiente.

O jardim da escola também é uma grande sala de aula ao ar livre e não apenas para as crianças. A existência de jardim na escola e, se possível, de uma área cultivável para horta e pomar, onde poderão ser desenvolvidos projetos de educação ambiental e de exploração e valorização da fauna e flora locais, são fundamentais. Eles podem fazer parte como recurso das aulas de variadas formas, onde poderão ser debatidos temas ligados a grandes questões ambientais como: desmatamento, poluição, biodiversidade, desertificação ou outros.

Mas, o jardim também é um lugar de contemplação da beleza e, para muitos, uma forma de iniciação à educação do olhar, tendo em vista a exposição das crianças a um ambiente esteticamente rico pela variedade das formas, das cores, das superfícies e da vida que ali se manifesta.





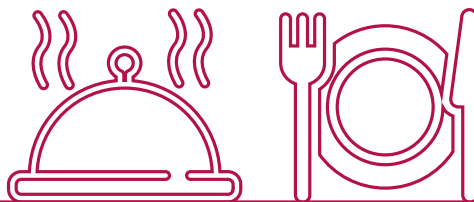
Para tanto, deve-se considerar:

- A necessidade de **especificar o tipo de vegetação** (trepadeira, hera, arbusto, sombreiro, flores, grama etc.), impedindo o cultivo de plantas cujas raízes possam, ao longo do tempo, danificar a estrutura predial;
- O cultivo de plantas que também ofereçam áreas sombreadas;
- A indicação de **plantas de fácil** cultivo e que ofereçam demanda mínima em termos de rega, poda e adubação;
- O cuidado para não indução ao cultivo de **plantas nocivas** à saúde, com espinhos ou tóxicas;
- A inclusão na rotina diária de um momento para que as crianças reguem os canteiros e façam colheitas;
- É possível conseguir doações de sementes e mudas junto aos órgãos como o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente e prefeituras locais;
- A priorização de **plantas que produzam flores** de diferentes cores e formatos;





- A **diversificação da vegetação**, priorizando espécies regionais, incluindo árvores frutíferas também;
- A riqueza possibilitada por um **trabalho de pesquisa com as crianças** para identificação de toda a vegetação presente na escola e, posteriormente, a concepção de uma comunicação visual feita por plaquinhas para a identificação.



UM REFEITÓRIO PARA CHAMAR DE NOSSO

O refeitório da escola não é apenas o ambiente destinado ao consumo das refeições pelas crianças e Equipe Escolar. É também um lugar de convivência e de muita aprendizagem.

O refeitório deve oferecer infraestrutura para que todos façam as refeições sentados de maneira confortável e em ambiente agradável e tranquilo; com cardápio variado e adequado nos seus aspectos nutricionais e esteticamente apreciável quanto à aparência, forma e sabor.

Os rituais para que as refeições sejam agradáveis momentos de aprendizagem devem ser incorporados tanto para o almoço quanto para os lanches ou merendas servidos nos intervalos da manhã e da tarde. Esses rituais estão relacionados à escolha e à quantidade adequada daquilo que se quer comer, à capacidade de servir a si mesmo ao respeito pelo trabalho de quem preparou aquela refeição e ao convívio com outras pessoas enquanto se alimenta. Assim como consideramos que os banheiros são espaços que transmitem valores como o respeito, quando são disponibilizados para a comunidade escolar da forma adequada, ou seja, limpos, supridos e mantidos adequadamente, o refeitório também transmite a mesma mensagem de respeito à dignidade e valorização da saúde quando oferecemos pratos, talheres, mesas, cadeiras e um ambiente limpo, agradável e arejado.

Para tanto, deve-se considerar:

- No refeitório também se aprende. Ele deverá dispor de **paredes para a colocação** de murais que divulgarão comuni-





cações relativas à rotina de utilização do espaço e outras de caráter pedagógico. Os murais devem estimular e identificar a natureza educativa desse ambiente por meio da divulgação de campanhas de bem-estar e qualidade de vida, alimentação saudável e outras contra o desperdício de alimentos etc.;

- Que **todas as crianças devem ser providas** de copos, talheres e pratos, bem como mesas e cadeiras, ou bancos;
- As crianças podem ser mobilizadas a **enfeitar as mesas** com toalhas pintadas ou bordadas como resultados de suas produções do Ateliê Criativo. Os pais, responsáveis e as famílias também podem ser mobilizados nessa ação, incluindo outras formas de trabalhos manuais;
- É importante aderir aos depósitos para coleta **seletiva de lixo**. Mas não adianta estimular as crianças no refeitório se nas salas de aula e demais ambientes não for adotada a mesma prática tanto por eles quanto por toda a Equipe Escolar. A coleta seletiva e campanhas para o aproveitamento do lixo são excelentes oportunidades para mobilizar as crianças em torno de grandes ações protagonistas que promovem uma escola mais limpa e agradável, além de crianças mais conscientes da sua corresponsabilidade com um assunto que pertence a todos;
- O **cardápio semanal** deve apresentar informações importantes para as crianças e seus pais e responsáveis. Por isso, sugerimos que ele seja elaborado de forma a despertar a atenção de todos, e mantido em local de ampla visibilidade. Publicados nas sextas-feiras, permite que as crianças e seus pais e responsáveis ou outros familiares conheçam o que está previsto para a alimentação na semana seguinte. Na ocorrência de haver intolerância das crianças a algum alimento, essa é uma boa maneira das famílias tomarem conhecimento antecipadamente do que será servido e providenciar a devida substituição;
- Que o **fluxo das crianças** no horário das refeições deve ser planejado para que, de maneira tranquila, possam circular pelo refeitório sem dificuldade no manejo de suas bandejas, pratos etc;
- Que o horário das refeições é um momento rico para a **conversa entre as crianças e a Equipe Escolar**, em especial,





seus professores. É um bom momento para compartilhar novidades, rir e se alimentar com prazer. Em geral, é vedado à Equipe Escolar fazer uso dos mesmos alimentos servidos às crianças, tendo em vista serem estas refeições providas com recursos públicos. No entanto, isso não impede absolutamente que as Equipes Escolares façam uso do refeitório tendo providenciado, elas mesmas, as suas refeições com os próprios recursos;

- Para o **descarte de alimentos** é preciso de um ambiente específico, sinalizado, organizado e permanentemente limpo, de preferência distante da mesa do autosserviço (*self-service*) e em local com altura compatível às crianças. Para esse descarte, disponibilizar **balde com sacos plásticos**;
- **Música calma e relaxante** sempre será bem-vinda para o momento das refeições, em contraposição ao refeitório geralmente barulhento que conhecemos;
- Que as crianças **devem conhecer as pessoas responsáveis** pela manipulação dos alimentos e elaboração das refeições e tratá-las pelos seus respectivos nomes;
- Que o **incentivo ao autosserviço** (self-service) para as crianças é uma excelente forma de apoiar o seu processo de autorregulação, uma das habilidades da competência pessoal. Neste caso, faz-se necessário atenção à forma e disposição dos alimentos em bancadas de fácil acesso, em altura compatível às crianças. Esse é um tema que requer especial atenção em virtude dos mitos que o envolve.

As crianças e a autonomia para se servirem. Isso pode?

As crianças devem ser estimuladas a aprender a se servirem e a usar os talheres desde pequenos. No entanto, necessitam de apoio dos adultos para isso, de modo que lhes ensine a cortar os alimentos, a compreender o uso adequado e seguro dos talheres e a desenvolver a capacidade de regular a quantidade de alimentos para saciar a sua necessidade. Isso requer, obviamente, a presença atenta e cuidadosa, paciente e generosa de adultos que atuem deliberadamente tendo o princípio educativo da Pedagogia da Presença como referência dessa prática educativa, que não se encerra em poucas semanas. Expressar confiança na capacidade da criança e paciência para lidar com possíveis acidentes (de repente, tudo derramado pelo chão!), certamente a ajudará a desenvolver a sua desejada autonomia e autoconfiança.





BANHEIROS QUE EDUCAM

Banheiros limpos e bem cuidados, supridos com água, descarga, papel, espelhos, lixeira, toalhas de papel, sabonetes, louça sanitária adequada e mantidos com a frequência devida transmite uma série de valores imprescindíveis. Um dos mais importantes, certamente, é o respeito e a ideia de que ali, a higiene, organização e saúde são cultivados. Oferecer um banheiro nessas condições a todas as pessoas na escola é transmitir a mensagem de que todos são bem-vindos e valorizados, que merecem ser bem tratados e que cuidar desse espaço coletivo é obrigação de todos, indiscriminadamente.



Por isso, os banheiros não são meramente uma questão de saúde ou de organização predial. É, em essência, uma questão pedagógica porque dela decorre a maneira como a comunidade escolar se relacionará com esse ambiente.

Assim como outros ambientes da escola, os banheiros também são locais de convívio para os estudantes quando desejam se reunir para trocar “confidências”, ou ficar um pouco mais distante dos olhares mais atentos dos seus professores, ponto de atenção especial por parte dos educadores.

As questões relativas à infraestrutura são absolutamente fundamentais quanto aos seus aspectos construtivos, de manutenção e de acessibilidade. Mas, é bastante comum haver certa confusão entre banheiros funcionais e banheiros novos. Um banheiro pode ser “antigo”, porém, sendo mantido adequadamente, sua funcionalidade pode ser perfeitamente preservada.

Para tanto, deve-se considerar:

- Que **é alto o volume de circulação de pessoas** nos banheiros e isso exige manutenção constante. Mas, educação para o uso dos banheiros é tão importante quanto a sua manutenção;
- Que hábitos de higiene são vistos como sendo de natureza muito pessoal. É sempre oportuno estabelecer junto às crianças um padrão de higiene para que todos possam usar os banheiros **de maneira que ele permaneça limpo e agradável para todos;**
- Que as crianças podem ser mobilizadas a participar de campanhas em prol da limpeza dos banheiros, debatendo temas relacionados à saúde, política de saneamento básico, qualidade de vida etc;





- Sendo lugar de convívio, as suas paredes, bem como dentro das cabines, também podem comunicar mensagens educativas elaboradas pelas próprias crianças como desenhos, poesias ou canções. Nas pias podem ser colocados vasilhos com pedrinhas coloridas, raspas de limão ou essências. Existem plantas que purificam o ar e que podem ser colocadas em ambientes fechados, como a jiboia e a espada de São Jorge, mas é sempre recomendável verificar se isso representa algum risco para as crianças.

ÁREA DE ENTRADA DA ESCOLA: A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA

A entrada da escola, seus portões, muros e calçadas também contam muito na hora de acolher quem está chegando. A escola é esse ambiente que acolhe para a vida que se processa a cada instante, em cada canto e em todos que nela habitam. A entrada da escola deve permanentemente convidar todos a entrarem e demonstrar que são bem-vindos.

Para tanto, deve-se considerar:

- Que não existam resíduos de obras, lixo de qualquer natureza ou quaisquer outros objetos que não componham a **“paisagem natural”** da entrada da escola;
- Que é sempre uma boa estratégia **manter pincéis e balde de tinta disponíveis**, para eventualmente ter de “apagar” uma sujeira feita por alguém que não aprendeu ainda que não se deve sujar as paredes ou muros. Limpar imediatamente o que foi sujo, além de educar, passa uma mensagem positiva de cuidado e respeito pelo patrimônio;
- Que a recepção da escola é **local de encontro e também de espera**. Assegurar que existam assentos (cadeiras ou bancos) adequados para as pessoas que necessitam esperar pelo atendimento é importante. Disponibilizar um cesto com materiais informativos atualizados como revistas, jornais e livros é uma excelente oportunidade para comunicar que ali todos são convidados a se educar e manter-se bem informados;
- Que **os troféus, medalhas, certificados, presentes, homenagens e premiações** recebidas pela escola são motivo de orgulho e devem ser compartilhados. Uma vitrine para exposição colocada na recepção valoriza a conquista e a torna um



prêmio “de todos para todos”;

- Que a entrada da escola é um bom local para afixar um **grande quadro com as imagens, os nomes e respectivas atribuições** de todas as pessoas que compõem a Equipe Escolar. Um outro quadro também pode apresentar informações sobre o funcionamento e dinâmica da escola, assegurando o acesso mais rápido a informações de caráter mais geral, autoexplicativas e que não demandem atendimento personalizado.

O ESPAÇO PARA O ENCONTRO

O Espaço para o Encontro sugere que encontros para interação e compartilhamento estão na “ordem do dia” da escola. Essa é a pauta deste ambiente que pode ser a quadra esportiva, o pátio, a área dos quiosques e qualquer espaço aberto que acomode bem a todos, o jardim etc.

O mais importante é que seja um local que ofereça condições para que as pessoas – crianças e Equipe Escolar – possam se reunir, realizar projetos coletivamente, assistir a Culminância das Eletivas, realizar o Acolhimento Diário etc.

É necessário assegurar a existência de mais de um Espaço para o Encontro, tendo em vista a eventual ocorrência de eventos simultâneos.

Para tanto, deve-se observar:

- Que no planejamento dos eventos a **limpeza do local** seja assegurada em caráter permanente e de maneira efetiva;
- Se o evento requer sonorização, a **acústica** deve ser adequada para tal, não impactando em outras atividades;
- O **engajamento das turmas** para a participação nos eventos. Convidar as crianças por meio dos Líderes de Turma para tomar parte do planejamento é uma boa estratégia;
- A **distribuição do espaço** para o atendimento das atividades, sobretudo quando ocorrem eventos simultâneos.

A SALA DOS PROFESSORES, DOS ESTUDOS... E DO CAFEZINHO TAMBÉM!

Na Escola da Escolha, a Sala dos Professores tem a dupla função de servir como local para realização dos seus estudos, preparação de aulas, análise de trabalhos e avaliações e também como Sala de Estar e Convivência dos professores durante os intervalos das aulas.





Para tanto é indicado que ela disponha de um sofá confortável, mesa e cadeiras para trabalhos coletivos e estações para trabalhos individuais. Oferecer um filtro de água, refrigerador e cafeteira tornarão o ambiente ainda mais confortável e agradável para a equipe docente. Neste local também é indicada a afiação de um quadro para recados, postagens e informes para assegurar a comunicação ainda mais efetiva.

Para tanto, deve-se observar:

- Que a sua **localização seja privilegiada em relação às salas de aula**, favorecendo o acesso das crianças aos seus professores, além de ampliar as possibilidades de integração destes grupos;
- Que este seja um **ambiente confortável, agradável, arejado**, provido com condições para que os professores sejam estimulados a conviver e também disponham da condição de estudar e de trabalhar juntos;
- Que é importante prover um espaço para a **Troca de Boas Práticas e de Boas Ideias** entre os professores. Um Mural onde possam expor suas estratégias pedagógicas e os seus avanços, podendo favorecer a prática em sala de aula dos colegas e o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, além de celebrar coletivamente as conquistas alcançadas. Às vezes dedica-se muito tempo ao reconhecimento daquilo que não se consegue realizar, ou do que as crianças não conseguiram alcançar, mas não se dedica a mesma quantidade de tempo ou sequer a mesma energia para os avanços conquistados. É sempre importante lembrar: o insucesso das crianças também pertence aos professores. Mas o inverso é igualmente verdadeiro, ou seja, o sucesso merece celebração por todos.





b. Os Ambientes de Aprendizagem

A BIBLIOTECA ESCOLAR E A SUA NOBRE TAREFA EDUCATIVA

A Biblioteca integra os ambientes de aprendizagem da escola e tem importância capital no processo de formação de todos os estudantes, sobretudo quando integrada ao conjunto de ações do projeto escolar. Dessa forma, **promove a leitura para além do espaço-aula e se afirma como mediadora da construção do conhecimento, dando suporte à realização de pesquisas, estimulando a leitura, a escrita, a argumentação, a formação de repertório cultural, a interação dialógica, dentre outras competências, absolutamente necessárias à formação da criança nos anos iniciais da Escola da Escolha.** A Biblioteca se destaca, sobretudo, dada a amplitude de seu acervo e das diferentes mídias disponibilizadas, como uma articuladora de processos interdisciplinares de formação. **É o espaço que valoriza, primordialmente, a formação dos estudantes como leitores, o que deve ser promovido desde a primeira infância; em realidade, desde a vida que brota no ventre materno.**

É na Biblioteca que todos os estudantes se aprofundam nos temas do currículo escolar e conhecem outros assuntos correlatos a esse tema inicial, muitas vezes para além dos domínios da disciplina em que tal tema foi proposto. Crianças, jovens e adultos se beneficiam com o enriquecimento de repertório e referências para conhecer a si mesmo, conhecer o outro e seu entorno, tomar consciência de valores e sentimentos desconhecidos, pensar o mundo imaginando novas possibilidades, perceber em si mesmo o desenvolvimento de novo olhar estético, humano e inventivo sobre a vida. A infância que acessa a biblioteca desde seus primeiros passos cresce fortalecida em suas condições de refletir sobre seu projeto de vida, criticá-lo, revisá-lo, tomar decisões, desenvolvendo sua autonomia e competências para enfrentar os desafios de sua trajetória formativa.

Por meio de suas dinâmicas próprias, da conjugação de diferentes saberes de áreas diversas que se mobilizam simultaneamente no ato de pesquisa, a Biblioteca da escola exerce um papel fundamental na perspectiva dos Quatro Pilares da Educação, conhecer a sua habilidade aprender a aprender. Mas por outras dinâmicas características desse equipamento, como a qualificação das relações mediadas pelas atividades de leitura de maneira dialógica, estão também implicadas as dimensões do Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser. Experimentação e ludicidade propiciam aproximação com tais dimensões, complementados como Princípios Educativos da Escola da Escolha para os anos iniciais; e a leitura de literatura, em especial, favorece o aprofundamento do cuidado dedicado a estas infâncias. A experiência estética da leitura de literatura, portanto, não é substituível por outras linguagens artísticas. Nesta perspectiva de espaço/ação, a Biblioteca e seu acervo devem ser acessíveis a todos, considerando as especificidades dos estudantes com deficiência matriculados na unidade escolar.



Tendo isso em vista, a ampliação e diversificação dos instrumentos e das fontes de acesso à informação e ao conhecimento, bem como a multiplicidade de abordagens metodológicas, devem ser praticadas por todos os educadores que atuam no projeto escolar, dentre os quais o bibliotecário junto a todos da escola.

Recomenda-se, pois:

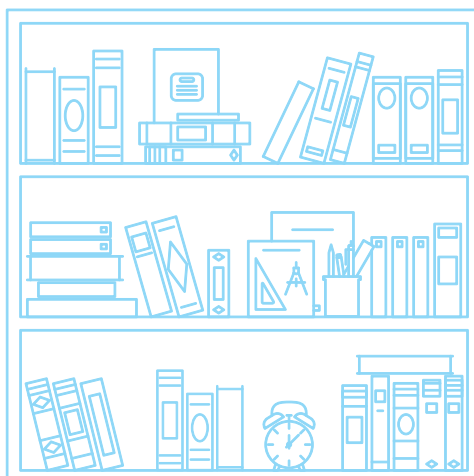
Currículo – Sob a orientação da Coordenação Pedagógica, os professores devem incentivar a leitura de textos diversos relacionados às especificidades de seus componentes curriculares, sem limitar-se aos textos didáticos ou técnicos, mas em especial, referendando pesquisas e reflexões por meio da leitura de literatura;

Professores – Estimular o uso da Biblioteca Escolar pelos professores na condição de usuários, de maneira que seus estudantes possam identificá-los também como leitores;

Parceiros – Identificar, captar e manter parcerias com instituições que apoiem e desenvolvam práticas de incentivo à leitura e à escrita, desde que alinhados com o Plano de Ação da escola, seus valores, premissas e objetivos.

A BIBLIOTECA ESCOLAR E A PROMOÇÃO DA LEITURA

A convivência com livros de literatura em locais variados é essencial para a aproximação do leitor e para a desmistificação da Biblioteca como espaço privilegiado de “intelectuais”. Tornando-o um elemento rotineiro na vida das pessoas, objeto familiar e de pronto acesso, a Biblioteca se transforma em um ambiente acolhedor e verdadeiramente democrático. Ainda nessa perspectiva, é essencial definir espaços temporários em locais estratégicos na escola, em que os livros possam estar ao alcance imediato do leitor e do





ainda não-leitor (incluindo, mais uma vez, as necessidades específicas dos estudantes com deficiência), estabelecendo, assim, que todo lugar é convidativo à leitura de todos, aumentando os pontos de contato de estudantes, professores, funcionários e familiares com esses objetos.

Alguns desses pontos podem ser lúdicos e temáticos, valendo-se do elemento surpresa e de temas atuais, mas é importante também que outros desses pontos continuem sendo o que são: refeitório, pátio, banheiro, sala de professores, recepção, biblioteca, corredor etc., para que não se passe a impressão que o espaço do livro deva ter uma “aura especial”. É importante que se demonstre que lugar de livro é em todo lugar e que a sua mera presença é o bastante para qualificar os espaços, sem “enfeites” ou acessórios que venham a mistificá-lo. Assim também se mantém essencial a existência do espaço Biblioteca desde os primeiros anos escolares, com seu acervo organizado, classificado, gerido por profissional da área, já que esta permite uma maneira de orientar e facilitar a busca e acesso aos livros e assuntos de interesse do leitor. Tem representação também simbólica pelo seu valor social e formativo, o que faz com que toda instituição escolar não possa prescindir de no mínimo uma Biblioteca, com bom acervo, espaço adequado, organização e profissional bem preparado para ali atuar.

A lei 12.244/2010 dispõe sobre a universalização de bibliotecas nas unidades de ensino do país, afirmando que toda instituição escolar deve ter uma Biblioteca até o ano de 2020.

Além de desenvolver atividades de promoção à leitura, é essencial organizar os livros de forma que todos os estudantes tenham fácil acesso a eles e possam fazer uso da livre escolha, conforme seus interesses – que podem ser inúmeros, inclusive os aparentemente banais, como gosto pela capa ou interesse pelo título. Ao lerem obras de ficção e de não ficção que correspondam às suas necessidades, os estudantes são estimulados em seu processo de socialização e no desenvolvimento de sua identidade. “Brincando de ler” também se formam leitores, como já demonstraram profissionais da área de leitura e escrita como Christine Fontelles, da campanha Eu Quero Minha Biblioteca.

Contudo, é preciso também ter em conta que existe, sim, um aspecto nem um pouco simples na formação literária. Sendo o ato de ler um gesto social, a construção de uma cultura extremamente sutil e elaborada, nem tudo é uma questão só de gosto. Ou, se é, pode ser problematizado: gosto é também algo que se ensina, se aprende, se modifica, se transmite, se problematiza, como qualquer outro construto social. Esse aprendizado





Para se formar repertório, no entanto, é necessário que se acesse o conteúdo dos livros para “além de sua capa”. A presença de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, assistentes de leitura ou leitores para cegos auxiliam na criação do vínculo entre o aluno com deficiência e o universo do livro e da Biblioteca Escolar.

começa desde as primeiras escutas que as crianças dedicam a uma leitura em voz alta, desde suas primeiras leituras das imagens dos livros. Tendo a oportunidade de apreciar diferentes textos literários e suas imagens, constroem seu repertório, discernimento próprio quanto às obras de arte literárias, e capacidade de criticidade, de argumentação. A experimentação da arte literária com os estudantes dos anos iniciais muitas vezes revela essa capacidade mais rapidamente do que se pode imaginar. É o adulto leitor que tem o conhecimento para oferecer essa necessária diversidade de leituras, por isso a importância de profissionais nesta biblioteca que primem pela formação de leitores, e não pela manutenção do acervo ou apenas um facilitador do acesso a ele. Além disso, não gostar de certos autores não é o mesmo que não ser capaz de lê-los. Uma coisa é, provido de repertório razoável, o leitor preferir determinado autor. Outra coisa é preferir um autor por não ser capaz de apreendê-lo.



“Uma das grandes alegrias do pedagogo é – toda leitura sendo autorizada – a de ver um aluno bater sozinho à porta da fábrica best-seller para subir e respirar na casa do amigo Balzac.”

Daniel Pennac





PRÁTICAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR¹

Contação de histórias não é atividade de leitura

Não se trata de desqualificar a contação de histórias, cuja importância é indiscutível desde os primórdios da história humana – prática por meio da qual, aliás, nos humanizamos. Também não se trata de sugerir que os projetos de contação de história não possam ser realizados na Biblioteca e que devam ser substituídos por atividades de leitura. A intenção aqui é apenas diferenciar essas duas práticas, justamente para que a confusão entre ambas não resulte na preterição daquela considerada mais difícil, que é a prática de ler.

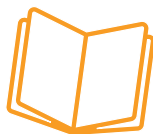
Contar histórias é uma prática antiquíssima e eficaz para fortificar e perpetuar a cultura, por meio da transmissão de valores éticos ou morais, de técnicas essenciais à manutenção da comunidade, dos vínculos, dos ritos de passagem inerentes aos ciclos da vida etc. Passadas de geração para geração, de boca em boca, se ajustam e se transformam conforme as necessidades do momento e do contexto. Como a palavra também cura – pode alegrar, comover, acalantar, entreter, divertir, consolar, enfim, ser condutora de múltiplos afetos – contar histórias tem muito de improviso e adaptação ao contexto e à função a que se destina, dependendo muito da impressão que se quer imprimir na alma daquele que ouve. “Quem conta um conto aumenta um ponto”, e isso vale mesmo para as histórias escritas. **No ato de contar, o material escrito não precisa estar presente, pois o que interessa é o enredo, a narrativa.** Sendo assim, além da própria voz, podemos usar recursos diversos, como fantoches, técnicas teatrais, caracterização de personagens, sonoplastia etc.

Já em se tratando de leitura, há uma mudança sutil, mas substancial. Ao ler-se um conto, não se muda nenhum ponto. **Até porque a função da escrita é preservar não só a história, mas também a forma como ela está registrada.** Na leitura está em questão o estilo do autor, o seu trabalho singular com a linguagem, em seu ritmo próprio, sua sonoridade, sua laboriosa construção imagética, etc. A história do livro Avalovara, de Osman Lins, por exemplo, pode ser contada de inúmeras formas, mas só quando pronunciada da maneira exata como o autor a escreveu é que se estará em contato de fato com a obra. Quando a atividade é leitura, respeita-se cada ponto, cada vírgula e a inteireza de cada frase, mesmo quando o que se lê é apenas um fragmento da obra. **É na forma como um**



¹Considerando todas as barreiras que se deve quebrar, as quais o texto já se referiu, estas e todas as práticas escolares também precisam ser acessíveis. Conte com os profissionais do AEE e/ou das salas multifuncionais. Eles são os melhores parceiros para esta tarefa.





texto é escrito que reside a estética literária, e está na singularidade dessa criação a potência de afetar o leitor pela linguagem.

A leitura em voz alta e a leitura compartilhada com estudantes dos anos iniciais é ação potente na formação de leitores. E, o pequeno ouvinte/leitor, informado de que a história lida poderá ser acessada quantas vezes ele tiver vontade, já que está ali, bem à sua frente, acessível no objeto livro, acessível no lugar chamado Biblioteca, é um estímulo para seu repetido desejo de reler a história ou ouvi-la do adulto-educador. Assim também se estabelece um vínculo de afeto importante na relação ensino-aprendizagem que esta formação promove. É bom lembrar que o estudante também pode levar o livro para casa e fazer esta mesma leitura para seus familiares, se assim quiser. Se a família não for alfabetizada, é válido também que um bom livro de literatura de imagens seja lido na escola e compartilhado em casa. Há várias portas de entrada para o universo da Biblioteca e para o incentivo à leitura e à escrita, e a Pedagogia da Presença, como um dos Princípios da Escola da Escolha, contribui para um olhar atento às necessidades e oportunidades que podem ser potencializadas para cada estudante.



SESSÃO DE CINEMA NÃO É ATIVIDADE DE LEITURA

Mesmo quando o filme em questão é baseado em uma obra literária, assistir a um filme não é a mesma coisa que ler o livro. E aqui não está em questão se a obra original é menos ou mais interessante: simplesmente não podem ser comparadas, uma vez que são linguagens distintas. Ainda que o filme seja fidelíssimo ao livro, executado da forma mais exuberante, não é leitura e as linguagens continuam sendo distintas. Dada a especificidade da leitura literária desenvolvida acima, compreende-se que assistir a um filme não é garantia de que o livro seja mais acessível ao leitor, pois a experiência cinematográfica não é a mesma da literatura. Se, ao final do filme, o livro que o inspirou é sugerido aos estudantes, trata-se, obviamente, de uma sugestão de leitura potencializada pelo filme, mas isso não significa que houve atividade de leitura. Pode ser, de forma remota, um ato de incentivo à leitura, mas a promoção de leitura só se efetiva por meio da experiência de ler. Aqui cumpre lembrar da importância de se garantir que os filmes sempre sejam acessíveis aos estudantes surdos, cegos, com baixa visão e surdocegos.





DOIS EXEMPLOS DE ATIVIDADE DE LEITURA

1. Ler para os outros

“Nessa modalidade de leitura, embora o enredo da história seja o foco principal, uma vez que é o que sustenta a atenção do público diante do leitor, a forma como a história foi contada é igualmente relevante e cabe ao leitor respeitar cada palavra, do jeitinho que o autor a escreveu. Diferente da contação de histórias, que têm muito do improvisado e das invenções de quem conta, aqui o livro está presente e cada palavra, cada vírgula e cada ponto traz a marca, não de quem lê, mas do autor do texto. O leitor empresta o corpo ao texto do outro; o texto do outro se apossa do corpo do leitor para atingir e fascinar o público.

2. Ler com os outros

“Mediador e participantes se acomodam em círculo. A disposição em círculos é importante, pois aí não há espaço privilegiado, todos podem se ver mutuamente, numa posição favorável às trocas. Cada integrante recebe cópias do texto a ser utilizado (ou exemplares dos livros, previamente selecionados pelo mediador). Um participante começa a ler um parágrafo em voz alta e passa a vez para o colega imediatamente próximo, para que leia o parágrafo seguinte, e assim por diante.

O mediador conduz as discussões, sugerindo, perguntando e, ao final da leitura, cada um é convidado a dizer o que mais o tocou, compartilhando as primeiras impressões com o grupo. Ressalte-se que, a qualquer momento, mesmo quando do andamento da leitura, há espaço para intervenções dos participantes, seja manifestando reação ao texto, seja levantando



Para que uma atividade como a proposta atenda estudantes sem e com deficiência, é imprescindível que os materiais gráficos distribuídos contemplem as especificidades e necessidades de todos os participantes.

Assim, recursos como escrita ampliada, escrita em braille, presença de intérprete de Libras, livro ou texto adaptado com recursos de comunicação suplementar ou alternativa são fundamentais para que todos os estudantes sejam, de fato, envolvidos na ação.





dúvidas. Todas as falas devem ser valorizadas, mesmo as aparentemente 'ingênuas'; a função do mediador é estender ao máximo seus significados, articulando-a com elementos do texto. Os participantes devem ser estimulados e encorajados à livre associação, a manifestar suas impressões sem receios; e o mediador tem o cuidado de articulá-las com aspectos que, paulatinamente, vão se ampliando.

Ao final de cada encontro, cada participante é convidado a dizer qual o aspecto da discussão ou do texto que mais o fez pensar. Geralmente este é um ponto surpreendente, pois questões já levantadas podem emergir com formulações totalmente novas, além de podermos lembrar o percurso que, partindo da leitura, fizemos até a formulação das ideias.

Ao final de cada encontro lemos um poema, repetidas vezes, em várias vozes e tons, para que se apreendam a sonoridade, o ritmo, a musicalidade... Além disso, um poema é fácil de memorizar, propõe pausas, sutilezas, respiros" (Ibidem).

Os exemplos acima visam a apenas reforçar o fato de que, se o que está em questão é a promoção de leitura, ler deve ser a prática central e não uma atividade superficial ou acessória. Sendo assim, a leitura aparece como o fazer em si. Caso essa atividade, por força da criatividade que desperta nos estudantes, resultar em teatro, música, contação de histórias etc. será uma consequência natural e não a finalidade ou suposto "ponto de chegada" que por ventura se pretende com o ato de ler.

Outro aspecto é que a promoção de leitura não deve estar sujeita a demandas quantitativas, mas sim qualitativas. O que se busca é a qualidade da leitura e da relação que se estabelece entre os leitores. Se é tarefa da escola e da Biblioteca ampliar o acesso e a fruição do patrimônio cultural humano, isso se dá de forma cuidadosa e em um tempo próprio em que as intensidades emergjam – um tempo, pois, diferente dos artigos culturais de massa e da cultura de indústria. Não é a quantidade o dado primeiro, é a qualidade do que está sendo disponibilizado para leitura. Evidentemente, à medida que incorporam essa cultura leitora, as pessoas passam a ler mais – porém sempre esse "mais" se dará por vias qualitativas e não quantificáveis.

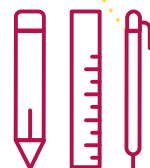
METODOLOGIAS DE PROMOÇÃO DE LEITURA

- a. Desenvolver uma agenda de atividades de suporte ao projeto pedagógico da escola. Essa ação deve ser planejada em conjunto com os professores e a coordenação. As atividades de promoção da leitura devem envolver aspectos culturais e de aprendizagem. Existe uma ligação direta entre o nível de leitura e o desempenho escolar;





- b. Realizar eventos para ampliação, atualização e divulgação frequente das aquisições do acervo, tanto de livros, periódicos acadêmicos e científicos quanto de jornais, revistas, vídeos, mas, em especial, de livros de literatura;
- c. Formar o bibliotecário para atuar em um ambiente que fomente a criação da cultura da leitura juntamente com todos os estudantes, articulando diferentes aspectos do repertório cultural;
- d. Criar ambientes confortáveis e adequados à leitura, de fácil acesso ao acervo. Para os estudantes dos anos iniciais, destaca-se a importância de favorecer o acesso aos livros por meio de altura adequada e formato das estantes, e de visualização da capa dos livros. O acesso aos livros deve ser direto, sem necessidade de intermediação do adulto. Estes podem ser os primeiros passos na autonomia que o futuro leitor desenvolve sobre suas buscas literárias e a favor de sua cultura de leitura e escrita. Quando adulto, tem mais chances de estar bem preparado para saber fazer uso de bibliotecas universitárias, comunitárias ou públicas. Sempre considerando acessibilidade arquitetônica e comunicacional;
- e. No caso de bibliotecários e demais funcionários da Biblioteca, participar das reuniões pedagógicas e dos eventos da escola, considerando sua atuação como educador;
- f. Desenvolver atividades específicas para os professores com o objetivo de ampliar seu repertório literário. É importante que o professor valorize a Biblioteca e a torne sua aliada no fazer pedagógico, transformando-a em uma extensão da sala de aula;
- g. Promover encontros lúdicos periódicos de promoção de leitura com pais e familiares de estudantes e funcionários da escola;
- h. Orientar todos os estudantes na Pesquisa Escolar, considerando a Biblioteca e seu acervo diverso como um universo amplo a ser investigado e explorado;
- i. Considerar os estudantes com deficiência. É recomendável um serviço de orientação estimulante e adequado às neces-





sidades dos diversos tipos de usuários, ampliação do prazo para devolução de títulos e outros mecanismos, como cartões autorizando outra pessoa que não o próprio estudante a retirar e devolver livros;

- j. O bibliotecário precisa estabelecer um relacionamento estreito com os estudantes, com os professores, com os profissionais de apoio e demais funcionários e os pais dos estudantes. É imprescindível que visite regularmente as salas de aula, divulgando as atividades da Biblioteca e que, ao longo da sua atuação, se torne um rosto amigável e conhecido na comunidade escolar, pois um dos princípios da Biblioteca é a de ser um lugar de hospitalidade;
- k. Tornar o livro um objeto presente no cotidiano da escola, tornando sua presença possível nos diferentes ambientes do espaço escolar. Uma estante de livros de literatura onde os familiares aguardam atendimento, cestos com livros nos espaços do brincar dos pequenos, estantes baixas nas salas de aula dos anos iniciais, estantes em corredores, próximas aos refeitórios, e onde mais se possa acessar livros. Bibliotecas circulantes (estantes ou caixas com rodinhas, por exemplo) também facilitam a circulação de acervo para qualquer ambiente.

A BIBLIOTECA ESCOLAR E O PROTAGONISMO: OUTRAS RELAÇÕES

Partindo do pressuposto de que não existe leitura sem Protagonismo, uma vez que o engajamento subjetivo é o que torna o ato de ler uma experiência de si no jogo de múltiplos afetos disparados pelo livro, percebe-se que a leitura em profundidade implica na elaboração de uma narrativa de si mesmo por parte de cada leitor. É pela perspectiva de uma narrativa da própria vida, uma recriação de significados e abertura de novas possibilidades de mundo, que a leitura é uma experiência fundante: uma reelaboração e reorganização constante do mundo, em um jogo de atualização e virtualização simultâneos. “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. (Candido, 2004)

Essa é a principal razão por que a literatura costuma ser tão evocada em situações adversas. Conta-se, por exemplo, que em 1940, a jovem Milena, amada do escritor Franz



Kafka, foi enviada a um campo de concentração junto a uma amiga. Para resistir ao horror, ambas recorriam aos livros lidos muitos anos antes, mas que ainda traziam de alguma forma organizados na memória. Um dos textos mais rememorados por elas era “Nasce um homem”, de Maxim Gorki. A história de um jovem que ampara uma mulher grávida e faminta, foragida das misérias de seu vilarejo, que foi o universo habitado pelas duas amigas durante o tempo em que estiveram confinadas. Ler tem muito de habitar mundos outros. Não como fuga da realidade, como geralmente se diz, mas como abertura de rotas possíveis em que, apesar das adversidades do presente, narramos a nós mesmos. Outro exemplo é a origem do IBBY (International Board on Books for Young People) que começou com a jornalista Jella Lepman, uma corajosa e visionária mulher, que reuniu pessoas empenhadas em promover a paz e a compreensão entre os povos por meio da literatura, entendendo que crianças em todos os lugares devem ter acesso a livros com elevados padrões literários e artísticos, e começou levando a leitura de literatura para crianças que haviam perdido tudo na guerra. A seção brasileira do IBBY é a FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A biblioteca é lugar de livro, mas, acima de tudo, é lugar de gente. É o espaço por excelência de encontros que se qualificam e se intensificam pela leitura. Propiciar esses encontros para todos e estimulá-los frequentemente é o que caracteriza a Biblioteca como um dos mais nobres espaços de convivência.

Leitores gostam de contar o que se passou consigo na experiência de leitura. São sedentos de alteridade e de encantamento do mundo. A Biblioteca como mediadora dessas relações e também um vetor de formação para a autonomia e para a convivência. É parte da cultura leitora não só o ato de ler, mas o de trocar experiências de leitura ao mesmo tempo em que se fala de si e em que se ouve a narrativa do outro. Participar de comunidades de leitura, pessoalmente ou em ambientes virtuais, favorece a construção de pertencimento e Protagonismo, tão caros aos adolescentes. Quando incorporadas como cultura, essas sociabilidades sofisticadas, com todas as delicadezas que põem em jogo, regulam por si mesmas os encontros, uma vez que são inspiradoras da construção de um ethos na comunidade em que a Biblioteca está. O nascedouro dessa experiência de leitura deve ser instigado e promovido desde a primeira infância, e também por isso a Biblioteca da escola é espaço privilegiado, já que carrega em si a potencialidade de promover todo esse percurso de crescimento e formação de leitores.

E se mais duas palavras ainda cabem sobre a ampliação das possibilidades de narrar o que a leitura propicia:

***O que é um Projeto de Vida senão a construção de uma narrativa de si?
O que é uma Biblioteca senão o espaço em que se qualifica
e se encoraja para o Protagonismo?***





A MEDIAÇÃO DE LEITURA E A LEITURA PÚBLICA COMO PRÁTICA E VIVÊNCIA DO PROTAGONISMO

A leitura, quando efetivamente trabalhada, se multiplica. Se a condição primeira para se promover a leitura é ser leitor, crianças e adolescentes que leem são ótimos multiplicadores das práticas aprendidas na Biblioteca. Assim, adolescentes podem ler para os estudantes menores e os estudantes menores também podem ler para os adolescentes – não existe hierarquia nas relações entre leitores, trata-se de relações horizontais, onde diferentes matizes de vozes se encontram e qualificam em intensidade essas relações. Pedagogia da Presença também é Princípio para embasar ações dos estudantes. Todos são aprendentes na Escola da Escolha.

E não se lê apenas para não leitores: leitores também gostam de ouvir os outros lerem, pois, a leitura é uma forma de relação criativa. Nesta perspectiva, numa atividade inclusiva em que todos leem, leitores com deficiência visual podem ler para leitores videntes e vice e versa.

As práticas de leitura podem extrapolar os espaços físicos da Biblioteca, se estendendo para diversas áreas de convivência da escola. Além disso, pode ser uma forma bastante hospitaleira de aproximação dos pais e familiares dos estudantes. Ler para os pais é uma ótima forma de inseri-los, por meio de uma relação genuína, no espaço de aprendizagem dos filhos. A esse público podem se somar moradores da comunidade de todo o entorno escolar. Mostrar as diversas possibilidades de leitura (como braille ou em comunicação suplementar ou alternativa, ou, ainda, a presença de intérprete de Língua Brasileira de Sinais) pode ser um importante exercício de prática inclusiva cujo fim é a oferta de leitura. Também aqui cabe a diversidade de leitura a ser oferecida, não só em





técnicas ou forma de acesso, mas em diversidade de literatura de qualidade que pode ser encontrada em romances, em livros de imagem, poesia, conto, etc.

Lê-se também para analfabetos, para idosos nos asilos, para pessoas hospitalizadas, para cegos não leitores, para pessoas que passeiam pelos parques, pelas praças, em rádios comunitárias... lê-se para todo mundo.

Inúmeras atividades poderiam ser acrescentadas em suas múltiplas formas e para todas as faixas etárias: sessões de leitura em voz alta, rodas de leitura, cantinho de leitura para bebês, leitura compartilhada, varal de livros, programas de incentivo às famílias para frequentar a Biblioteca. Organizar saraus e inseri-los como parte permanente das programações culturais da escola também abre portas para diferentes formas de Protagonismo.

Privilegiam-se **ações de leitura** propriamente ditas, mas outras ações, voltadas para o fortalecimento da cultura leitora, podem e devem ser conduzidas: seminários, debates, workshops, oficinas etc.

Convidar autores para conversações na Biblioteca ou para ministrar oficinas de escrita criativa permite que os leitores percebam que escritores são pessoas como todo mundo. E com isso, descobrem que todos podem usar a palavra para além da sua função meramente comunicativa. Nem todos serão escritores, e não é isso que está em questão, mas todos podem elaborar seus afetos em níveis criativos de escrita. Ao se apropriarem dessas outras possibilidades linguísticas, **se apropriam de outras “experiências de si”**, seja na prática secreta da escritura de um diário ou de “rabiscos” aparentemente aleatórios nas páginas de uma agenda, seja na incursão em grupos de jovens escritores anônimos que proliferam nas mídias sociais.

Cumpra ainda observar que a Biblioteca, sendo esse espaço fabuloso de encontro com os outros e consigo mesmo, precisa propiciar tempo e condições adequados para os momentos de silêncio, às vezes de “solidão leitora” dos estudantes, algo absolutamente necessário para o trabalho sofisticado da subjetividade. Em uma realidade como a brasileira, em que milhões de crianças e adolescentes não têm privacidade em casa, nem “direito ao silêncio” nas dinâmicas familiares, é forçoso que esse aspecto seja levado em conta.

A relação entre Biblioteca e Protagonismo é vastíssima. Algumas relações ainda estão para serem inventadas, e certamente serão, nos espaços onde ideias e práticas são bem-vindas. Participar ativamente da prosa e da poética do mundo é uma das formas mais potentes de Protagonismo.





“Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno”, como afirmou com plenitude o poeta mineiro Bartolomeu Campos de Queirós em *Manifesto por um Brasil Literário*.

A FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

A riqueza e a qualidade dos recursos da Biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis dentro desse espaço. Por este motivo é de grande importância dispor de pessoal com boa formação e alta motivação.

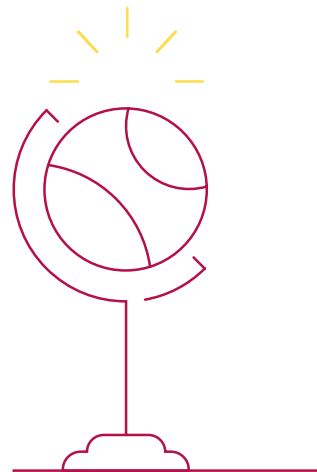
PRINCIPAIS ATRIBUIÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA ESCOLA DA ESCOLHA:

- Elaborar o seu Programa de Ação com os objetivos, metas e resultados a serem atingidos, conforme Plano de Ação da Escola;
- Planejar e executar suas atividades de forma colaborativa e cooperativa;
- Desenvolver o Plano de Atividades da Biblioteca alinhado ao Plano de Ação da escola;
- Buscar parcerias para o desenvolvimento de projetos e serviços, alinhados com as premissas e objetivos da escola, previstos em seu Plano de Ação;
- Orientar indicação de acervo específico de acordo com a demanda da comunidade escolar, lendo-se aqui estudantes, funcionários, professores, Equipe Gestora, famílias etc.;
- Incentivar e apoiar as inovações do Modelo, como por exemplo as Práticas e Vivências em Protagonismo e o desenvolvimento do Projeto de Vida dos estudantes;
- Participar das reuniões de planejamento pedagógico, a fim de promover sua própria integração e articulação com as atividades dos demais professores;





- Participar das orientações técnico-pedagógicas relativas à sua atuação na escola e de cursos de formação continuada, conforme apontado em seu Programa de Ação;
- Desenvolver, acompanhar, avaliar e sistematizar práticas educacionais, estudos, consultas e pesquisas, no âmbito da Biblioteca;
- Atuar em atividades de orientação e apoio aos estudantes, para utilização de recursos de Tecnologia da Informação e Comunicação nas áreas de pesquisa e produção de materiais em mídias digitais;
- Subsidiar e orientar programas de preservação e organização da memória da escola e da história local;
- Incentivar a participação dos professores em atividades pedagógicas e de leitura de literatura na Biblioteca;
- Atuar em parceria com outros profissionais, da Biblioteca Escolar ou não, como forma de garantir a participação dos estudantes com deficiência na rotina desse espaço;
- Coordenar, executar e supervisionar o funcionamento da Biblioteca, cuidando da organização e do controle patrimonial do acervo e das instalações;
- Organizar, na escola, ambientes de leitura alternativos, além do espaço da Biblioteca;
- Promover ações inovadoras, que incentivem a leitura e a construção de canais de acesso a universos culturais mais amplos;
- Orientar a comunidade escolar e local para o conhecimento e valorização da leitura, estimulando a escrita, a criatividade e o senso crítico e, em especial, a leitura de literatura.



ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTECA DA ESCOLA

Acessibilidade

As Bibliotecas Escolares, assim como todos os espaços de uso público e coletivo, devem atender ao que propõe o Decreto federal 5296/04, ou seja, deve ser um lugar acessível a todas as pessoas.

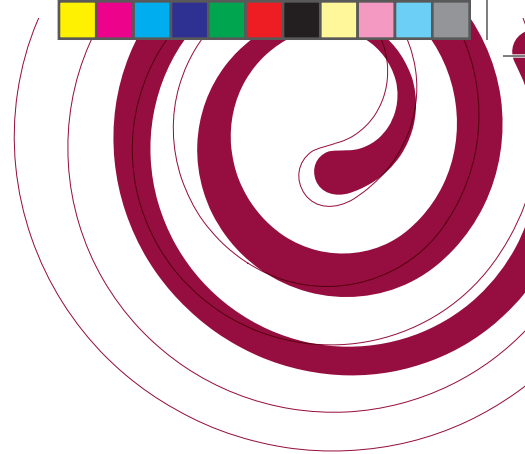


A quebra de barreiras físicas deve estar sempre atrelada à quebra das barreiras atitudinais, traduzidas, por exemplo, no modo como todos olham e se relacionam com as pessoas com deficiência. Pensando na autonomia do usuário e no local como espaço verdadeiramente democrático de acesso à informação e à cultura, é imprescindível que a Biblioteca seja pensada de acordo com a ABNT NBR 9050 e os princípios do Desenho Universal. Mesmo que a escola não tenha estudantes, professores e funcionários com deficiência, é importante que todos os espaços, inclusive a Biblioteca, estejam prontos para receber esse tipo de usuário.

É fundamental que se atente à importância que a leitura tem para a criança com deficiência e, sempre que possível, se estimule a comunidade escolar, a Associação de Pais e Mestres ou a Biblioteca Pública da cidade a se adaptar para acolher a criança e o jovem com deficiência de modo a contribuir verdadeiramente com o Protagonismo e o empoderamento de todas as crianças e jovens, sem distinção.

A comunicação visual deve ser compreendida por todas as pessoas que compõem a escola, incluindo os estudantes com deficiência, por meio de quadros de avisos e placas de sinalização ou de circulação com textos curtos, letras grandes, acompanhados de símbolos e colocados no nível dos olhos de uma pessoa em cadeira de rodas. Devem ser instalados sinais de alerta com luz para avisar aos usuários surdos de eventuais emergências.

Para que a Biblioteca Escolar seja um portal para a aventura do conhecimento para as pessoas com deficiência, é preciso que seu acesso físico seja sem desníveis ou catracas, que as mesas de seu espaço encaixem cadeiras de rodas, que se promova o acesso virtual (via computador e internet) ao acervo, que se tenha acervo em braille, acervo em áudio, lupas ou lentes de aumento, além da presença de salas de vídeo com televisores com sistema de legendas ocultas para seus usuários surdos (closed caption).



Espaço Físico

O tamanho sugerido para uma Biblioteca Escolar deve ser pensado de acordo com o número aproximado de leitores que irão utilizá-la, o número de livros já existentes e previsão de crescimento.

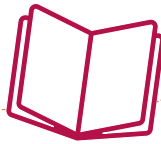
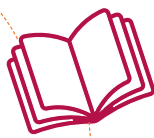
O espaço da Biblioteca deve ser um ambiente agradável, sinalizado e adequado para acomodar o mobiliário, o acervo, o espaço para pesquisa, leitura e cantos temáticos, bem como para a promoção de eventos relacionados aos projetos desenvolvidos na escola para aproximar a comunidade escolar do ambiente literário.

É importante lembrar de cuidar de fatores ambientais, como acessibilidade física, iluminação, temperatura, acústica e cores. Atenção especial às cores, pois algumas hiperestimulam as crianças e os jovens, o que dificulta o convívio na Biblioteca.

As seguintes considerações devem ser analisadas no processo de planejamento de organização da Biblioteca:

- As paredes podem ser coloridas, porém em tons claros, pois isso contribui para refletir a luz e aumentar o grau de visibilidade. Janelas devem permitir a entrada de luz natural;
- Os livros devem ficar em local arejado e com pouca incidência do sol;
- O piso deve ser de material resistente e de fácil manutenção e limpeza;
- Lâmpadas fluorescentes são as mais indicadas, não só pela economia de energia, mas porque têm baixo poder de aquecimento e causam menos danos ao acervo;
- Para facilitar o controle e a circulação do público, a Biblioteca deve ter somente uma entrada, que deve ser acessível a pessoas idosas e com deficiência;
- Localização central, preferencialmente em piso térreo; condições de multiplicar-se pelos ambientes, tendo seu espaço central como referência, mas acervo que circule e esteja presente por toda a escola;
- Acessibilidade e proximidade, ficando perto das salas de aula;





- Dimensão adequada, possibilitando espaço para livros de ficção, não ficção, de diferentes formatos e para diferentes faixas etárias, conforme o público ao qual se destina, audiobooks, livros em braille, jornais e revistas, almoxarifado, mesas de estudo, áreas de leitura, postos de pesquisa com computadores, áreas informais e um balcão de atendimento;
- Espaço para estudos com conjuntos de mesas para pequenos grupos, grandes grupos e uma turma inteira em situação de aula formal e que garanta a participação, por exemplo, de estudantes com cadeiras de rodas, e tapetes e cantos especiais para estudantes dos anos iniciais;
- Espaço para a produção de trabalho em grupo, inclusive para acesso a equipamentos multimídia;
- Espaço para a equipe administrativa com balcão de empréstimo e trabalho;
- Equipamentos específicos para pessoas com deficiência, como programas para leitura de telas, entre outros;
- Espaço flexível, que permita a multiplicidade das atividades e futuras alterações.

Mobiliário

Uma Biblioteca Escolar bem equipada deve apresentar as seguintes características:

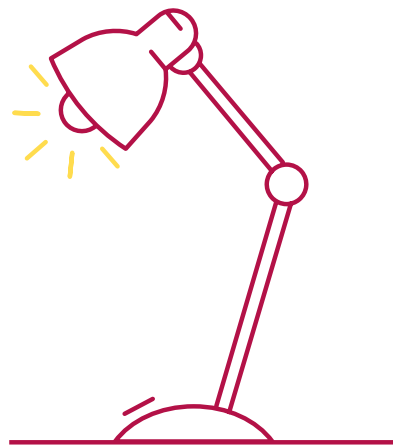
- Segurança;
- Concepção que permita acomodar mobiliário durável e funcional, proporcionando espaços específicos e mobiliário





que atenda às diferentes faixas etárias, como por exemplo estantes baixas e mesas com cadeiras adequadas aos estudantes dos anos iniciais;

- Concepção que corresponda às necessidades específicas da comunidade escolar, como a presença de estudantes, professores ou funcionários com alguma deficiência;
- Concepção que se ajuste às mudanças nos programas da Biblioteca, na gestão curricular da escola, bem como às inovações tecnológicas (áudio, vídeo, multimídia);
- Estrutura e gestão que proporcionem acesso equitativo e oportuno a um acervo organizado e diversificado;
- Incluir sinalizações claras e acessíveis.



Para que a Biblioteca se torne um local onde se queira ficar, é preciso que haja espaços para sofás e poltronas confortáveis e grandes almofadas, para que o leitor possa confortavelmente escolher como melhor desfrutar da leitura. Quanto mais confortável ele estiver, mais em casa se sentirá e, com o passar do tempo, a Biblioteca se tornará um local de referência pessoal.

Sinalização

Deve ser pensada cuidadosamente para que o usuário tenha o máximo de autonomia possível. Recomendamos que as normas da ABNT 9050 e os princípios do desenho universal sejam considerados. É importante levar em conta a faixa etária dos estudantes, adequando a sinalização ao seu campo de visão. A Biblioteca, sendo um espaço de acesso à informação, deve ser um exemplo.

Horário de Funcionamento

Uma Biblioteca Escolar aberta em período integral, durante as férias escolares, nos fins de semana, feriados, à qual a comunidade escolar e do entorno tenha acesso para desfrutar de uma boa leitura é o cenário ideal. Sabendo das dificuldades enfrentadas pelas escolas hoje, sugerimos que a Biblioteca ofereça um amplo horário e que permaneça aberta o maior tempo possível.

Regulamento

É essencial um regulamento que atenda sua comunidade, que seja claro e divulgado em locais de grande circulação. Perceber a importância de seguir o Regulamento da Biblio-





teca Escolar ajuda a formar futuros usuários de Bibliotecas Públicas. Mas é importante ressaltar que o que forma um usuário de Biblioteca é o fato de ele ter desenvolvido cultura leitora. Portanto, é preciso cuidar para que o regulamento não se torne um entrave burocrático, que dificulte o acesso dos usuários e a qualidade das relações entre os leitores e a atratividade aos ainda não leitores.

Recomenda-se que se considerem especificidades sobre o empréstimo de títulos aos estudantes com deficiência.

Processamento Técnico

Para que os usuários da Biblioteca Escolar tenham acesso aos livros que buscam, é necessário que eles estejam organizados tecnicamente nas estantes por um profissional habilitado. É essa organização que proporcionará agilidade e rapidez na busca pelo livro, revista ou qualquer outro material ou informação de que se necessite.

Gestão do Acervo, Usuário e Empréstimos

É aconselhável que a Biblioteca mantenha a gestão do acervo, empréstimos e usuários eletronicamente. Caso a Biblioteca não tenha uma plataforma de gestão própria, sugere-se o software livre para a gestão eletrônica da Biblioteca BIBLIVRE, que comporta pequenas, médias e grandes Bibliotecas.

O programa tem como objetivo informatizar Bibliotecas dos mais variados portes e propiciar a comunicação entre elas. O programa enfatiza as rotinas e sub-rotinas dos principais procedimentos realizados em Bibliotecas, tais como: a pesquisa, a circulação mediante o controle do acesso para consulta, a reserva, o empréstimo e a devolução de exemplares do acervo, a catalogação de material bibliográfico, de multimídias e objetos digitais, inclusive com controle de autoridades e de vocabulário, além da rotina de controle do processo de aquisição de novos itens para o acervo. Há uma relação de relatórios pré-formatados disponíveis para impressão ou gravação de arquivos gerados pelo sistema. Além disso, a catalogação de livros é facilitada por um dispositivo que possibilita a inserção de dados a partir do acesso ao catálogo online da Fundação Biblioteca Nacional.

A Biblioteca Digital

Hoje, com a disseminação da internet e novas formas de acessar o livro, além de seu estado físico, encontram-se, em formato digital gratuito, livros raros ou localizados em outras partes do mundo.





Um bom exemplo de como isso funciona no Brasil é o site da Biblioteca Nacional sem Fronteiras, que dá acesso a um programa que objetiva democratizar o acervo da Biblioteca Nacional, composto de coleções digitais temáticas, com foco nas diferentes áreas de atuação da organização e, em especial, seus tesouros. É possível, também, visualizar obras digitalizadas em alta resolução e fazer pesquisas por palavras nos documentos.



Acervo

O acervo de uma Biblioteca pode ser constituído por diferentes tipos de material (livros, periódicos, CDs, DVDs etc.).

Para que o acervo atenda à demanda de seu público, é importante entender a comunidade escolar (estudantes, pais, funcionários, educadores), suas necessidades e suas especificidades. Além disso, a seleção e atualização do acervo devem estar alinhadas com a política de ensino da instituição.

O ICE recomenda também a aquisição de um acervo específico voltado para o aprofundamento das temáticas inerentes ao entendimento dos princípios e conceitos da Escola da Escolha, assim como suas metodologias. A bibliografia está disponível ao final do Caderno Concepção do Modelo Escola da Escolha.

Como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental temos como um dos principais objetivos a alfabetização e o incentivo à leitura e escrita, recomendamos a utilização de estratégias, estímulo e ações para fomentar este processo de aprendizagem. Neste sentido, incentivamos a visita à biblioteca como uma das práticas educativas inseridas na rotina de trabalho do estudante e a utilização de uma biblioteca móvel para exploração de outros espaços para a atividade de leitura.

Para os anos iniciais recomenda-se que seja específica, ou caso não seja possível, se o espaço físico for compartilhado com os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, deverá ao menos ter espaço definido e ambientado para atendimento à faixa etária do Ensino Fundamental I, com acervo e comunicação visual adequados.

Orientações para organização e utilização da Biblioteca para os estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:

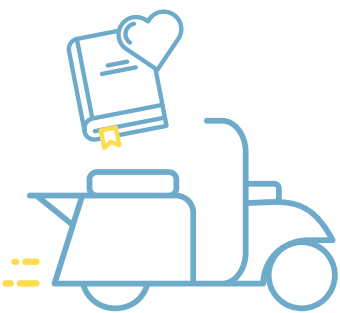
- Organizar o espaço com estantes em altura acessível aos estudantes;





- Selecionar, adquirir e organizar, o acervo de livros cuidadosamente, separando os livros por faixa etária e interesses;
- Estabelecer rotina para todas as turmas visitarem a biblioteca para consulta, busca de livros, leitura e atividades pedagógicas;
- Fomentar nos estudantes o hábito de ir à biblioteca, ler ou locar livros para levar para casa;
- Estimular os estudantes a fazer o registro de retirada e devolução junto com a bibliotecária;
- Favorecer a integração e comunicação da bibliotecária com os professores para que tenha acesso ao planejamento semanal e possa participar de projetos interdisciplinares;
- Promover atividades programadas como: saraus, contações de histórias, teatro, apresentações culturais, leituras coletivas, com mais de uma turma ou coletivamente na escola para divulgação do acervo e estímulo a leitura dos estudantes;
- Considerar a importância do acesso à biblioteca e promoção do prazer de ler para os estudantes dos anos iniciais que estão em processo de alfabetização, se inserindo no mundo da leitura e escrita.

Biblioteca Circulante



Uma cesta, uma caixa especialmente preparada, um móvel de madeira com rodinhas ou uma maleta, caracterizam-se como uma biblioteca Circulante. Tem como função ser um veículo que promova a interação da biblioteca e sala de aula ou qualquer outro espaço de aprendizagem definido para atividade pedagógica.

A bibliotecária, no início da semana, faz prévia seleção de livros que contém conteúdos que serão trabalhados na semana de aulas, de acordo com o planejamento da professora da turma, e deixa expostos para consulta e escolha dos estudantes.

Em visita de rotina, no início da semana, a turma escolhe os livros que deseja ler naquela semana e preenche a biblioteca móvel. Os estudantes levam a biblioteca móvel para a sala de aula recheada de livros para passar a semana, com a intenção de fomentar o trabalho de todos, e ao final da semana devolvem a biblioteca.





A BRINQUEDOTECA

*A gente grande, que tira o meu brinquedo da mão,
tirou de um músico a lira, interrompeu a canção.*
Billy Blanco em “Se a gente grande soubesse”

Na Escola da Escolha, a Ludicidade é um Princípio Educativo considerado pela sua importância no desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões. Como tratado no **Caderno de Formação - Princípios Educativos**, o lúdico é vivido como forma de equilíbrio com o mundo, onde o brincar se torna uma rica fonte de aprendizagem tendo em vista a importância da imaginação no desenvolvimento cognitivo.

Brincar é uma das atividades mais constantes na fase inicial da vida do ser humano. E quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivo-emocionais ao motor, cognitivo e corporal. É por meio da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

A Ludicidade deve estar viva no projeto escolar de muitas formas, e isso se faz por meio das aulas, do trabalho com as distintas áreas do currículo e na rotina diária das crianças. Todos os espaços se constituem ambientes de aprendizagem na Escola da Escolha e campos férteis para a geração de conhecimentos mobilizados pela criatividade fruto da imaginação e curiosidade.

Tal como apresentado no **Caderno de Formação – Conceitos**, ao compreendermos os diferentes lugares sociais produzidos e ocupados pelos discursos da forma escolar, as dicotomias brincar/aprender, trabalho/lazer, criança/estudantes são também cristalizadas com a afirmação de que os conhecimentos trazidos pelos professores são os ditos científicos, em oposição aos demais, socialmente produzidos, a exemplo daqueles no campo da arte, da religião, da filosofia ou do senso comum. Conforme Nuernberg (2002) nos traz, “ao ampliar as condições do estudante-criança, ampliam-se as suas funções para além do lugar confortável de professor como aquele que repassa informações. Essa ampliação de funções está para além do campo dominado e para o qual ele não foi formado. Desse modo, a produção da diferença entre brincar/criança e aprender/estudante torna-se necessária para manter a disciplina, o controle e os lugares sociais definidos – como o da instituição formadora (a escola), uma vez que o brincar exige uma outra



PARA SABER MAIS:

BENEDET, Marina Corbetta e ZANELLA, Andréa Vieira. Brinquedoteca na escola: tempos/espacos e sentidos do brincar. Arq. bras. psicol. [online]. 2011, vol.63, n.2 [citado 2016-05-30], pp. 69-81. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000200008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1809-5267.





relação entre **professor** e **estudante** (qual seja, de **educador e educando**)”. Romper a “forma escolar” implicará num professor que também brincará e saberá conviver com interações não mais partidas e temidas em hierarquias de saber-poder.

Mesmo tendo vivido quase 1/5 do século XXI, a racionalidade moderna ainda influencia a escola e a produção do conhecimento e a criatividade continuam sob o manto da dicotomia, como se produzir conhecimento não implicasse em processos criativos. É como se brincar não coubesse na sala de aula, já que o saber ali produzido e apreendido é científico.

Na associação deste tema ao Princípio da Educação Interdimensional, apresentado no **Caderno de Formação – Princípios Educativos**, compreendemos a construção do modelo cognitivo, mas, para adquirir uma complexa e sofisticada capacidade intelectual, é fundamental, como pensava Kant no século XVIII, ser alimentado pela arte, pela capacidade de imaginar.

É na inspiração desse discurso que apresentamos a **Brinquedoteca** como possibilidade concreta de mais tempo para brincar, como lugar de expressão, ressignificação e (re) criação. Lugar que permite à toda criança (re)criar suas vivências, expressar-se e ensinar o professor o aprender brincando. É um lugar cuidadosamente concebido para oferecer estímulos a partir de uma leitura política, pedagógica e estética sobre o brincar, pois cria novas possibilidades de outros afetos, outros sentimentos e sentidos para a escola.

A Brinquedoteca cumpre principalmente as seguintes funções:

- **Socializar:** estimular atividades individuais e coletivas (entre as crianças e entre estas e os adultos);
- **Desenvolver** a inteligência e a criatividade;
- **Estimular** a concentração e a atenção;
- **Promover** o desenvolvimento das diversas formas de expressão;
- **Estimular** a oralidade e a expressão por meio de um trabalho integrado com Língua Portuguesa;





- **Valorizar** o brinquedo como meio de desenvolvimento intelectual e social;
- **Favorecer** a autonomia da criança;
- **Incentivar** o desenvolvimento da responsabilidade;
- **Enriquecer** as relações familiares – pais e filhos.

COMO ORGANIZAR A BRINQUEDOTECA?

Para a implantação da Brinquedoteca é necessária uma organização simples e eficaz. A seguir, algumas orientações:

- Organizar subdivisões (cantos, lugares) para permitir a realização de atividades diversificadas;
- Dispor de nichos, prateleiras, estantes ou outra opção onde os brinquedos serão guardados quando não estiverem em uso. Devem estar em altura que permita o acesso das crianças;
- As atividades propostas devem levar em consideração uma intencionalidade que assegure prazer na brincadeira e o favorecimento das aprendizagens;
- Garantir a ampla comunicação, acesso, mobilidade e circulação pelas subdivisões (cantos, lugares) nas atividades diversificadas, possibilitando às crianças o desenvolvimento da autonomia, estimulada constantemente na busca da in-





dependência na execução e escolha das brincadeiras e dos brinquedos;

- Prover um substancial acervo de brinquedos variados, fantasias, figurinos, jogos diversificados, bonecas, fantoches, piões, peteca, saquinhos de areia, barbante, massa para modelar, tecidos e os mais diversos materiais para estímulos constantes e variados;
- Assegurar regularmente uma inspeção nos brinquedos à procura de danos que podem resultar em algum acidente enquanto a criança os manuseia. Observe se alguma parte



O sistema da classificação C.O.L., segundo Périno (2002), criadora e diretora do Quai des Lude (Centro de formação dos jogos e brinquedos) em Lyon, na França, permite aos profissionais interessados em conhecer e utilizar objetos lúdicos como um instrumento para crianças e adultos, organizar e identificar brinquedos e jogos de forma simples e coerente. O C.O.L. responde a três preocupações principais: simplicidade de utilização, ganho de tempo e valorização dos objetos lúdicos.





pequena pode se soltar, se existem pontas afiadas ou arestas. Caso encontre algum problema, conserte o brinquedo imediatamente ou mantenha-o fora do alcance da criança.

Para a organização da Brinquedoteca, levamos em consideração que os brinquedos devem ser de construção simples e fáceis de manejar, duráveis e sem risco de acidentes, abrangendo as **seguintes classificações**, de acordo com o sistema C.O.L. - *Classement des objets ludiques*, proposto por Kobayashi (2011), conforme quadro na página anterior:

JOGOS DE EXERCÍCIO - Os jogadores repetem as ações lúdicas pelo prazer de realizá-las.

- Despertar sensorial;
- Motricidade;
- Manipulação.

JOGOS SIMBÓLICOS - Permitem ao jogador reproduzir ou inventar ações, situações e cenas conforme sua imaginação e o conhecimento que tem da realidade.

- Brinquedos de Papéis;
- Brinquedos de faz-de-conta;
- Brinquedos de representação.

JOGOS DE ACOPLAGEM - Compõem um todo, os quais o jogador precisa ter a noção do todo e das suas partes, são verdadeiras experiências de elaboração de projetos pelas crianças.

- Construção;
- Encadeamento;
- Experimentação;
- Fabricação.

JOGOS DE REGRAS - Comportam um conjunto de convenções e de obrigações que os participantes se submetem, os quais demandam a convivência em grupo.

Para a organização dos jogos e brinquedos sugerimos a separação também quanto à faixa etária e por cores, por exemplo:





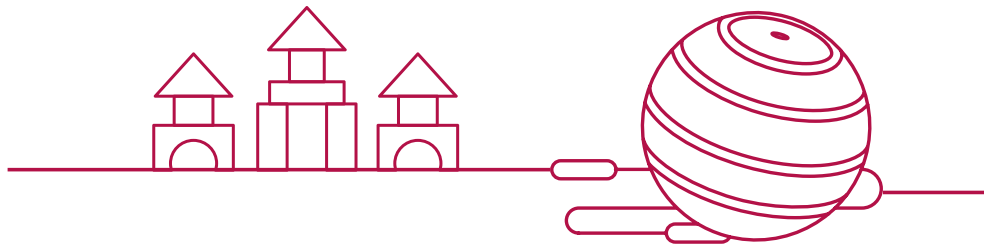
- Vermelha – de 6 a 7 anos;
- Verde – de 6 a 8 anos;
- Alaranjado – de 8 a 11 anos;
- Amarela – todas as idades.

Na escolha do material a ser adquirido deve-se observar os seguintes critérios:

- Qualidade do material para uso constante;
- Quantidade dos componentes do jogo;
- Manutenção rápida e fácil (para brinquedos especiais);
- Número de participantes dos jogos;
- Exploração da criatividade;
- Integração grupal permitida pelo brinquedo;
- Duração das atividades de cada jogo ou brinquedo.

Alguns procedimentos técnicos devem ser estabelecidos:

- A estruturação da aquisição e tombamento dos materiais e brinquedos;
- As doações podem ser muito valorizadas, mas é importante verificar as condições do material antes de incorporá-lo ao acervo;
- Cada material adquirido deve ser registrado em um catálogo que permaneça à disposição da comunidade escolar;
- Cada material deve ser anotado separadamente, mesmo quando forem duplicatas;
- O acervo deve ser atualizado com frequência. No caso de perda, restauração ou descarte, é importante comunicar a comunidade escolar, o que pode ser realizado pelas crianças, que são corresponsáveis pela Brinquedoteca. Os brinquedos devem servir para uso exclusivo na Brinquedoteca. Eles não devem ser emprestados, nem para as



crianças, nem para as turmas em sala de aula. Nas salas de aula devem existir outros brinquedos para o uso e exploração das crianças.

O espaço deve permitir que as crianças brinquem livremente. Para isso, seguem orientações para a composição do espaço:

- Assegurar **poucos móveis** para que as crianças tenham espaço para brincar. Pufes e almofadas são opções para facilitar a circulação no ambiente;
- Adoção de móveis funcionais como baús e cestos para guardar os brinquedos permite que a organização seja feita pelas próprias crianças;
- Tapetes de borracha coloridos, mantas ou em diversos materiais convidarão as crianças a sentarem juntas no chão;
- O palco é importante para o exercício da representação teatral. Na Brinquedoteca deve ser delimitado um espaço, estruturado com pallets ou outros materiais e provido com cabides para as fantasias e acessórios;
- As mesas devem ser baixas e com cantos arredondados;
- Na composição de elementos considerar que linhas horizontais estimulam a calma, enquanto linhas verticais estimulam a ação. Uma combinação entre elas cria o equilíbrio perfeito para a sua decoração, assim como as cores estimulam os sentidos e trazem vida ao ambiente.

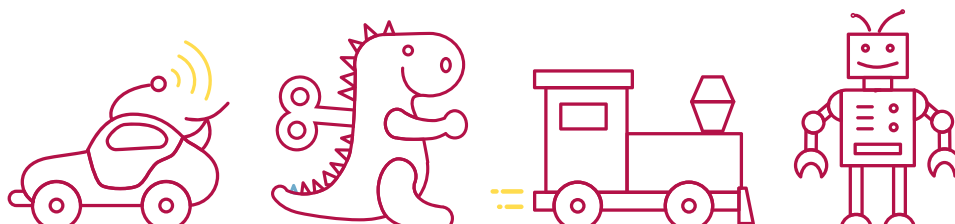


A BRINQUEDOTECA CIRCULANTE

O espaço físico destinado à Brinquedoteca deve ser escolhido na perspectiva de atender a sua finalidade, porém, caso a realidade da escola não permita a utilização de um espaço exclusivo para uma Brinquedoteca fixa, é possível constituir uma Brinquedoteca Circulante, com objetos e compartimentos, caixas, carrinhos e estantes móveis, que deverão ser facilmente locomovidos pelo espaço escolar. Para organizar os brinquedos e materiais da Brinquedoteca Circulante é necessário um armário e/ou um depósito, em perfeitas condições e organizado para o acesso das crianças. Este espaço deverá ser apresentado a todas as crianças da escola.

Abaixo apresentamos sugestões de como explorar os cantos/lugares da Brinquedoteca, que intitulamos como: “Cantos e Encantos da Brinquedoteca da Escola da Escolha”.

- **Canto do Faz de Conta:** fantasias e figurinos para a representação de diversos papéis e objetos que permitam a simulação do cotidiano dos adultos, como carrinhos, chapéus, bonecas, espelhos, pentes, acessórios da vida comum de suas famílias etc;
- **Canto do Teatro:** um palco e variados fantoches favorecerão a representação e criação de histórias;
- **Canto dos Jogos:** jogos de montar, de estratégia, de percurso, jogos de tabuleiro, dados e botões como um grande painel de jogos;
- **Canto do Desenho, da Escultura e da Pintura:** disponibilização de diversos materiais como lápis coloridos de diversos tipos e tamanhos, massa de modelar, tintas e etc;
- **Canto das Invenções:** o lugar para inventar e reinventar coisas, construir e desconstruir utilizando jogos de construção e sucata.
- **Canto da TIC:** o lugar dos computadores, jogos eletrônicos, softwares de criação.





- **Canto do Planeta Azul:** os materiais reciclados, lavados e classificados podem ser transformados em matéria-prima para subsidiar as criações dos “inventores”. A coleta de sucata é uma atividade contínua e o produto da coleta deverá estar agrupada em caixas plásticas, organizadas em nichos ou prateleiras.

OS JOGOS TEATRAIS COMO ESTRATÉGIA LUDOPEDAGÓGICA

Os jogos teatrais, como estratégias ludopedagógicas, proporcionam para as crianças o prazer de aprender brincando, como também ensinam e educam quando são fontes estimuladoras do desenvolvimento de certas habilidades e quando propositalmente são planejadas por seus professores. Assim, ao utilizar o jogo teatral nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o professor contribui para o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural da criança por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem. Nessa perspectiva, cria condições para a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, da capacidade de iniciação, ação ativa, motivadora, improvisação, concentração, organização, liderança e a autorregulação.

As possibilidades oferecidas pelos jogos ou representações teatrais são infinitas porque sempre será possível oferecer às crianças oportunidades para desenvolver melhor o aprendizado da leitura, da escrita, dos componentes curriculares como História, Geografia ou Literatura, para além dos livros didáticos e da sala de aula. As metodologias utilizadas nesse processo de interação entre o teatro e as áreas do conhecimento devem objetivar a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua presença no mundo e das muitas possibilidades de sua atuação.

O teatro favorece o exercício de uma linguagem oral especial e promove o desenvolvimento da habilidade comunicativa, bem como estimula a imaginação, capacidade que possibilita não apenas uma criação artística, científica ou técnica, mas também a habilidade de solucionar problemas, fundamental para viver neste século, conforme apresentado no **Caderno de Formação - Eixos Formativos**.

A encenação de histórias com fantoches e bonecos é um excelente recurso, pois desenvolve vários aspectos relacionados à comunicação e à expressão sensório-motora. Essas atividades tornam a aula prazerosa e estimulam a participação. A Brinquedoteca pode transformar a escola num espaço de trabalho e aprendizagem pelo caminho do prazer e encantamento.

Há crianças que falam baixo ou aquelas que ficam de costas para a plateia. Mas todas podem aprender. Incentive-as a criar suas próprias encenações e a ousar. Fotografe, filme as encenações e, depois, convide as crianças para analisar a montagem. Esse exercício de autoavaliação serve para afinar as próximas apresentações que podem ser o ensaio para uma grande apresentação no final do ano ou a celebração de uma data especial.

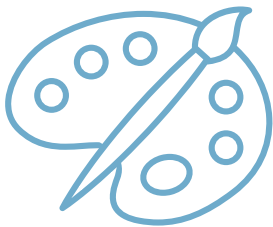




Na Escola, é preciso...

- ✓ Assegurar que a Brinquedoteca seja utilizada por todos os professores de acordo com seu planejamento prévio. Para isso, recomenda-se a organização de uma rotina que atenda as diferentes faixas etárias das crianças;
- ✓ Que a Brinquedoteca também esteja à disposição das crianças no intervalo do horário de almoço e na hora do recreio;
- ✓ Que o funcionamento e preservação da Brinquedoteca e dos brinquedos conte com a atuação das crianças. Elas devem ser estimuladas a elaborar conjuntamente as regras de convivência para usufruir do espaço plenamente, cuidando e exercendo o seu protagonismo em atividades para o bem comum de todos na escola.

O Ateliê Criativo



*...A criança tem uma centena de línguas
mas eles roubam 99.
A escola e a cultura separam a cabeça do corpo. Dizem-lhe:
De pensar sem as mãos
Fazer sem a cabeça
Para ouvir e não falar
De compreender sem alegria
De amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.*
Lóris Malaguzzi em “As cem linguagens da criança”

Na Escola da Escolha as crianças têm muitas oportunidades para criar em suas salas de aula e nos diversos ambientes de aprendizagem, mas têm, em especial, no **Ateliê Criativo**, um espaço onde o elemento criativo está fortemente presente.





Ele compõe a arquitetura da escola e existe para ampliar e apoiar projetos e experiências da sala de aula por meio da exploração e combinação entre vários tipos de materiais, objetos, instrumentos e técnicas. Nele as crianças experimentam as técnicas de pintura, desenho, modelagem, escultura, montagens e outras linguagens que expressem a sua liberdade cognitiva, simbólica e outras vias de comunicação. O **Ateliê Criativo** é a própria “oficina para as ideias” das crianças. É o “laboratório de descobertas”.

A organização do **Ateliê Criativo** é muito importante. Nele os materiais são considerados veículos para expressar e comunicar e fazem parte da tecitura das experiências e processos de aprendizagem. Assim, os objetos devem ser inspiradores e de qualidade, organizados intencionalmente, criando um ambiente estimulante e confortável.

As crianças aprendem qual é a maneira correta de se manusear cada utensílio, material, ferramenta, e começam a praticar para conseguir alcançar um objetivo individual ou coletivo. Todas as crianças, em diferentes momentos, usam o espaço, cada uma com seu arranjo próprio, sua imaginação, suas ideias, criatividade e inspiração para trabalhar.

No **Ateliê Criativo** deve haver uma grande variedade de objetos que aguçam o processo criativo e aumentam as experiências das crianças que manipulam materiais como flores, pedras de variados tamanhos e formas, conchas, botões, retalhos de tecidos, velas, diferentes tipos de grãos, sementes, pedaços de madeira, linhas, entre outros, arrumados por tamanho, forma, cor, espessura, etc. As crianças também devem ser estimuladas a trazerem elementos coletados em passeios, bem como fruto de suas recordações pessoais. No Ateliê, trabalha-se criativamente as orientações curriculares por meio de conceitos como a luz, a cor, o olfato, o som e suas diversas possibilidades para as composições propostas pelas crianças.

A família é parte essencial na formação das crianças e os professores devem convidá-las para conhecer as experiências e as produções artísticas no **Ateliê Criativo**. É importante que reconheçam que as crianças possuem mais recursos e mais habilidades do que geralmente eles são capazes de perceber. Tudo envolve muita comunicação e participação de todos – escola e famílias.



PARA SABER MAIS SOBRE USOS DO ATELIÊ CRIATIVO, CONSULTAR:

GANDINI, Lella. O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012

EDWARDS, Carloyn. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: ARTMED, 1999.





No Ateliê também se utiliza a tecnologia a serviço da criatividade e da aprendizagem. Assim, um computador com sonorização acompanhado de impressora, scanner e máquina fotográfica digital são instrumentos que complementam a sua natureza.

A documentação é parte imprescindível do trabalho do professor na Escola da Escolha. Durante os trabalhos no Ateliê é recomendado que fotografem e façam anotações sobre o desenvolvimento das atividades e produções. Periodicamente, os registros podem ser compilados e organizados para divulgação dos trabalhos para os pais e responsáveis ou outros familiares e **toda** a escola. Imagens e roteiros de discussão devem ser expostos nos corredores e espaços coletivos – em alturas diferentes para que as crianças e adultos possam apreciar o trabalho dos colegas. As produções contribuirão para a elaboração de um acervo valiosíssimo em termos de conhecimento e desenvolvimento das crianças e dos professores.

De cartazes e placas criadas pelas crianças até quadros e esculturas adornando as paredes, todos os espaços da escola e a própria sala de aula devem comunicar: *“crianças e criatividade são valorizadas aqui!”*





ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR E SUGESTÃO DE MATERIAIS PARA ORGANIZAÇÃO DO ATELIÊ CRIATIVO

- Planeje as condições para que possam ser realizados trabalhos tanto individuais quanto coletivos;
- Organize e exponha materiais que estimulem a curiosidade, que sejam atraentes e pouco comuns;
- Introduza materiais tradicionais misturados a elementos da natureza que darão origem a novas descobertas e experiências;
- Organize uma estante com livros, revistas, jornais, papéis, tintas e lápis de cor variados em caixas ou prateleiras baixas que possam ser manuseadas pelas crianças sem ajuda;
- Pendure um espelho para refletir a luz;
- Monte um varal para exposição de trabalhos;
- Faça perguntas às crianças e grave suas respostas;
- Anote os comentários dos artistas ao lado de suas produções;
- Converse com os pais/responsáveis e famílias sobre a possibilidade das crianças criarem uma página da escola no Facebook, Instagram ou Twitter para a comunidade escolar acompanhar os trabalhos no Ateliê Criativo;
- As paredes devem ser utilizadas para exibir as imagens, as obras artísticas e outras evidências de expressão criativa;
- Nas Rodas de Conversa compartilhe informações sobre os seus artistas favoritos, músicos e cientistas;
- Estimule descobertas e pesquisas sobre arquitetura, fotografia, músicas ou outras formas de expressão;
- Explore novas tecnologias para o desenvolvimento de trabalhos ou etapas dos projetos.



As obras e outras composições, produções artísticas e trabalhos experimentais devem ser cuidadosamente selecionados junto às crianças para que seja possível refletir e acompanhar o progresso de cada uma e demonstrar a sua evolução em diversos aspectos.

No Ateliê Criativo, celebre inovação e criatividade. A criatividade é relacional e precisa ser bem aproveitada para se tornar um valor compartilhado. O Ateliê Criativo é um lugar muito especial onde se pode trabalhar simultaneamente com arte, culinária, jardinagem, horta, cultura popular, etc.

É o local em que muitas atividades direcionadas podem e devem acontecer, mas também é o local onde a criança deve se sentir estimulada a criar e explorar o que lhe chama atenção.

É recomendada a presença de:

- Balcões com pias na altura das crianças;
- Mesas que comportem as crianças sentadas;
- Prateleiras com os instrumentos e materiais;
- Armários e expositores;
- Fogão;
- Utensílios de cozinha (escorredor de pratos, talheres, pratos etc.);
- Tintas e pincéis em tamanhos variados;
- Instrumentos de jardinagem;
- Materiais naturais como coleções de pedras, folhas secas, areia colorida, etc.

Para a instalação do Ateliê é preciso levar em consideração que:

- O espaço possua saída de ar devido a presença do fogão, sendo indicado que o botijão de gás fique localizado na área externa do Ateliê;
- Os objetos devem estar na altura das crianças para melhor manuseio e acesso de todas;
- O local tenha acesso a um espaço externo, como um terraço ou um pátio, desde que disponha de um local para guardar os materiais com segurança;
- A quantidade de pias (balcão com torneiras) deve ser de acordo com o número de crianças e o espaço físico, não sendo necessário mais que três para a realização dos trabalhos.





Na Escola, é preciso...

Ter sempre em mente que o Ateliê Criativo:

- ✓ É um espaço para ampliar e apoiar projetos e experiências da sala de aula e dar vida às fantasias infantis;
- ✓ É o lugar da Oficina Criativa e deve realizar as ideias das crianças;
- ✓ É o lugar para experimentar, botar a “mão na massa”, produzir e criar por intermédio da arte, das ciências e pôr em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula;
- ✓ Não é a Sala de Artes, nem o Laboratório de Ciências, tão pouco é o lugar onde não se faz nada ou o lugar para brincar. Muita coisa séria é produzida ali.

A Sala de Aula como local de referência e pertencimento

“A Sala de Aula é aquele lugar mágico onde brincam sem parar as dúvidas permanentes e as respostas temporárias”

Thereza Barreto

A Sala de Aula é o principal espaço de referência de convivência na escola para as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse espaço deve propiciar interação entre elas, permitindo formarem relacionamentos fortes e estáveis umas com as outras. O ambiente deve prover uma ampla diversidade de materiais e recursos com vistas à promoção do enriquecimento do universo vocabular e relacional, bem como a ampliação do repertório das suas ações.

A Sala de Aula deve oferecer às crianças um ambiente agradável, possibilitando escolhas, bem-estar, segurança, confiança e interação entre elas, bem como a sensação de pertencimento. Isto é importante porque é sabido que o espaço de sala de aula, bem como a sua



organização e utilização dos materiais, influencia o comportamento humano. A personalização do espaço indica que o território é delas, sentem que os espaços lhes pertencem quando veem seus trabalhos expostos com qualidade estética e são valorizados pela comunidade escolar.

Um aspecto importante a ser levado em consideração no processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades socioemocionais das crianças é a promoção da conquista do espaço, para isso as próprias crianças devem ser responsáveis pela manutenção e conservação da sala de aula e seus materiais.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola da Escolha, as salas de aula de um determinado ano serão sempre o seu ponto de referência para o início e o término das atividades diárias. É o espaço em que os estudantes se encontrarão todos os dias com sua professora de referência, guardarão seus materiais, discutirão a rotina de trabalho da semana e do dia, bem como os conteúdos a serem desenvolvidos.

Uma sala de aula flexível a favor das aprendizagens

Existe uma imensa variedade de maneiras de aprender tanto quanto de ensinar e isso é inegável. No entanto, já se passaram quase 20 anos desde que o século XXI começou e os arranjos físicos na imensa maioria das salas de aula continuam no padrão usualmente conhecido de “um monte de cadeiras e mesas” voltadas para um quadro e uma mesa de professor como se existisse apenas um único jeito para fazer tudo isso.

As características do uso das salas de aula na maioria das escolas públicas brasileiras pouco mudaram desde os anos 80 (Kowatolsky, 2014). Essas características tradicionais permitem poucas interações e utilização do espaço de forma pouco ou quase nunca criativa.

Por outro lado, um número crescente de estudos (Sanoff, 2001) revela a relação entre a qualidade do espaço físico e o desempenho acadêmico dos estudantes, considerando o poder que o ambiente tem de organizar e promover relações entre as pessoas de idades diferentes, de provocar mudanças e atitudes, escolhas e atividades, de despertar diferentes tipos de aprendizado social, cognitivo e afetivo. A configuração espacial qualifica os tipos de relações que se estabelecem na sala de aula porque a construção de vínculos pode ou não ser facilitados pelo seu layout.

Para promover essa perspectiva de aprendizagem ativa, o Modelo da Escola da Escolha recorre ao conceito de “**sala de aula flexível**” como ambiente físico que oferece ampla

variedade de possibilidades de organização do espaço e dos seus objetos, estimulando, motivando e engajando as crianças, ao mesmo tempo que oferece recursos de aprendizagem em diferentes momentos do período escolar.

A mudança da posição dos mobiliários e simples atividades em sala de aula podem melhorar o desempenho das crianças quanto à motivação, envolvimento e responsabilidade. Mas não basta trocar as mesas e cadeiras de lugar e estimulá-las a circular na sala. O redesenho da sala de aula não pode ser atribuído apenas à mudança espacial ou a um novo planejamento de ensino do professor, mas, sim, à compreensão de como usar essa flexibilidade do espaço e dos mobiliários como ferramenta para levar as crianças a um processo de aprendizagem bem-sucedido. É necessário investir numa mudança na estrutura, no ensino e na postura do professor e das crianças porque essa mudança também está associada a aspectos essencialmente humanos como a motivação, engajamento, disposição, etc. A disposição dos móveis e objetos deve permitir que as crianças sentem-se em grupos, duplas ou outras formas de organização de trabalho, de acordo com a natureza da aula e o que fora planejado pelo professor.

Por isso, nessa organização, além da introdução de outros mobiliários como poltronas, sofás, pufes, tapetes, estantes móveis, estantes fixas, entre outros, recomenda-se:

- **A retirada da “mesa do professor”**, já que aqui falamos de um processo que está centrado no estudante, e não no professor;
- **A colocação de mais de um quadro branco em paredes diferentes** e opostas para permitir o seu uso de maneira que todas as crianças, independentemente de onde estejam sentadas, possam vê-los quando for necessário;
- **O reordenamento da posição das cadeiras e mesas** das crianças (4º e 5º anos) para que elas escolham onde e como desejam sentar, sendo uma boa ideia ter mais combinações de lugares do que a quantidade de crianças em sala de aula;
- A colocação de um **tapete** para realizar a Roda de Conversa que se realiza diariamente e “pequenas conferências”.

O modelo das mesas e cadeiras enfileiradas e sem nenhuma mobilidade não faz mais sentido na atualidade e tem sido cada vez mais questionado e rejeitado por várias escolas em todo o mundo. A mobilidade permite novos arranjos e posicionamentos tanto dos estudantes quanto dos professores e a utilização de mais recursos, bem como inúmeras possibilidades de interação, engajamento, corresponsabilidade e colaboração.

Uma “nova” sala de aula neste conceito provê às crianças abordagens adaptadas e mais flexíveis para aprender. Uma sala de aula com uma aprendizagem ativa torna-se cada vez mais favorável ao desenvolvimento das habilidades que eles precisam para se desenvolver, não apenas aquelas relacionadas à competência cognitiva, mas as sociais e emocionais.

A inovação na sala de aula deve ser incentivada e alimentada por meio de uma atuação conjunta que agrega uma “mente aberta” e a evolução da compreensão sobre a forma como aprendemos, ou seja, como entendemos os processos mentais e a capacidade humana de manter, recordar e processar informações. Um dos desafios dessa abordagem é que por não saber intuitivamente como alinhar o novo espaço de aprendizagem com a perspectiva pedagógica que o orienta, ou seja, suas referências, seus métodos, recursos e didática, o professor demandará da equipe pedagógica da escola, sessões de estudo compartilhado e muito apoio dos colegas. Nesse sentido, a organização e o planejamento do Estudo Orientado dos professores será fundamental.

A organização de uma sala flexível deve considerar a presença das potencialidades e das necessidades de estudantes com deficiência. O exemplo mais simples é quando há estudantes cegos. Nesse caso, é importante que eles sejam informados caso haja mudanças de móveis, equipamentos ou objetos para que a troca não signifique obstáculos. Além disso, devem ser disponibilizados máquina de escrever em braille, sorobã e pranchas de comunicação suplementar. Na presença de estudantes com autismo ou Síndrome de Asperger, vale consultar suas famílias ou terapeutas de apoio para saber como se portar frente às especificidades desses estudantes em ambientes que se reconfiguram rotineiramente. Esses são apenas alguns exemplos.

Recomenda-se que o próprio estudante com deficiência, em primeiro lugar, e em seguida sua família e seus apoiadores (terapeutas, por exemplo) possam ser consultados nos casos em que a mudança possa gerar algum desconforto. O importante é ressaltar que a presença de estudantes com deficiência não é um obstáculo para a implantação de uma sala flexível. Ao contrário, eles se beneficiarão desse recurso, como os demais estudantes.



PARA SABER MAIS SOBRE SALA DE AULA FLEXÍVEL, CONSULTE:

<https://www.youtube.com/watch?v=4cscJcRKYxA>

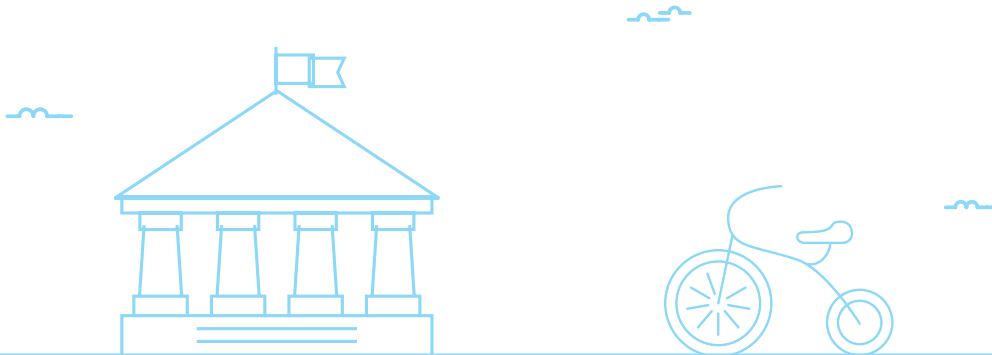
<http://www.edutopia.org/blog/flexible-seating-student-centered-classroom-kayla-delzer>

<http://hilt.harvard.edu/learningspaces>

<https://www.edsurge.com/news/2015-10-01-why-the-21st-century-classroom-may-remind-you-of-starbucks>

<http://www.scholastic.com/teachers/top-teaching/2015/09/5-ways-give-classroom-back-kids>

<https://www.youtube.com/watch?v=RtoiCaOW5ho> Steps on How to Teach in an Active Learning Classroom - Steelcase Education - Acessado em 27/5/2016



Implicações da sala de aula flexível na prática pedagógica

COMO IMPLEMENTAR A SALA DE AULA FLEXÍVEL?

O projeto escolar e a perspectiva de formação que ele traz, e por consequência, o currículo, deve orientar o processo. Na medida em que o professor tem definido onde pretende chegar com as crianças, então se redefina como implementar o espaço ao longo do ano para corresponder de maneira alinhada a essa expectativa.

O professor deve ser desafiado a sair de sua postura tradicional e adotar uma postura onde a criança é o centro do processo para levá-la ao esperado estado de pleno envolvimento e engajamento. Esse processo deve ser encarado como uma possibilidade extremamente inquietante sobre como transformar desafios em oportunidades.

A prática pedagógica deve ser contaminada com múltiplas abordagens metodológicas, sempre ancoradas nos Princípios Educativos da Escola da Escolha. Ao invés de ter uma sala tipicamente ordenada em filas onde o professor apresenta o conteúdo, a sala de aula passa a ser como uma “folha em branco” onde professores e crianças poderão “desenhar” o seu planejamento de maneira dinâmica. O planejamento das aulas continuará a focar nos conteúdos previstos, mas agora ele poderá ser complementado com múltiplas formas e exercícios para engajar as crianças na aula e direcioná-las a outros modos de organização e de aprendizagem, tendo os professores e seus pares como parte de sua aquisição. Essa dinâmica é sabidamente estimulante e desafiadora tanto para as crianças quanto para os professores.

Para muitos talvez não haja nada de novo porque, afinal de contas, muitos deles já trabalham considerando atividades centradas nos estudantes e realizadas em grupos por meio de projetos coletivos de aprendizagem. **Mas o diferencial aqui é usar a sala de aula**





como uma ferramenta que oferece o seu espaço para habilitar as crianças e levá-las a adotar um estilo de aprendizagem mais ativo e engajado.

Para isso é necessário considerar as múltiplas possibilidades de adaptação da sala, permitindo que as crianças movam, mudem e adaptem o espaço para diferentes atividades e criar estratégias e comandos suficientemente claros e bem elaborados para minimizar a perda de tempo e produtividade.

Essas possibilidades de novos arranjos, onde todos certamente passarão a se utilizar de novos lugares, e o professor, a circular ativamente por toda a sala, permitirá o compartilhamento de informações e de assuntos, tornando muito mais confortável para os estudantes expressarem suas ideias, mediante a remoção da ansiedade que existe para muitos quando têm de estar na frente de todos, centralizados próximo ao quadro e à mesa do professor.

Esses novos arranjos espaciais proporcionarão aos estudantes o fácil acesso ao professor. Em essência, não importa o modo de configuração escolhido, pois todos precisam de acesso para impulsionar a confiança no compartilhamento de ideias. Nessa configuração, continuarão a existir o apoio individualizado às crianças, o apoio aos pequenos grupos, o apoio às crianças que estarão trabalhando de maneira simultânea nos seus respectivos grupos e, cada grupo, desenvolvendo uma atividade diversa em paralelo. Também existirá o momento em que o foco de toda a sala de aula volta-se para o professor, quando uma oportunidade para a partilha de informação apresenta-se. Ao mesmo tempo, as crianças serão levadas a buscar soluções próprias para os problemas com que se defrontam, desenvolvendo sua autonomia.

Isso significa que o professor precisa abandonar a postura em que ele fica “preso” a uma única posição na frente de sala de aula, o que dificulta o tipo de acesso que tanto ele quanto os estudantes necessitam.

Essa é uma mudança profunda do modo como muitos dos professores foram formados para ensinar, para uma outra forma de atuar que, inicialmente, apresenta-se desconhecida e incômoda para muitos.

Manejar a disciplina e o controle na sala de aula onde muitas vezes a dinâmica de reorganização se confundirá com bagunça e caos é outro elemento importante. Talvez os professores se sintam frustrados no início e esse sentimento não é incomum, mas assim que as novas estratégias são implementadas, isso não apenas vai desencadear o potencial da turma, como proporcionará uma experiência mais profunda e gratificante sobre a atuação do professor.

A sala de aula flexível, que possibilita um estilo de aprendizagem mais ativa, provoca uma mudança significativa no papel do professor enquanto “transmissor” de conhecimento para o de apoiador na criação e no cultivo de um ambiente de aprendizagem. Essa mudança orienta e apoia os estudantes na construção e responsabilização sobre o seu co-



nhecimento e aprendizagem por meio de novas posturas diante do conhecimento, diante dos colegas e dos próprios professores. Isso significa maior proximidade e conexão mais profunda entre as crianças e professores.

Essa forma de organização conduz as crianças a terem muitas opções a seu dispor e ao mesmo tempo as levará a descobrir o valor da cooperação e necessidade de negociar para ter os seus desejos atendidos. Empatia, espírito colaborativo, capacidade de argumentação, solução de problemas, entre outros, são algumas das habilidades desenvolvidas nessa “experiência espacial”.

Na adoção da sala de aula flexível e durante as reuniões de estudos, os professores devem ser estimulados a falar de suas experiências, de suas preocupações e dúvidas, a trocar com os demais colegas o resultado dos seus trabalhos e, gradativamente, a construir uma nova compreensão sobre o universo de ensino do qual fazem parte na Escola da Escolha.

A habilidade para se engajar num modo de ensinar nessa perspectiva, que não implica apenas em se enxergar numa sala com layout diferente, vai levá-los a experimentar momentos muito gratificantes. A vivência desses momentos deverá, certamente, ser apreciada porque, afinal, **a razão pela qual os professores estão nas escolas, dia após dia, é viver aquele momento em que as crianças prosperam e fazem parte disso.**

ORIENTAÇÕES PARA A ESTRUTURAÇÃO DOS ESPAÇOS NA SALA DE AULA FLEXÍVEL

É fundamental que se ofereça na sala de aula flexível, recursos necessários para permitir que as crianças observem e manipulem objetos, que consultem informações por diversos meios, digitais ou analógicos, que se envolvam em jogos – o que não significa que não realizem atividades, complexas ou não, em outros ambientes de aprendizagem.

Para atender a essa perspectiva, uma sala de aula flexível se compõe de:

- móveis modulares e com rodízios;
- sofás, poltronas e cadeiras variadas;
- cantos individuais;
- mais de um quadro branco disposto em paredes diferentes e opostas;
- tapetes que convidam os estudantes a se sentarem no chão;
- espaço de experimentações literárias, digitais, científicas, musicais;
- escaninhos individuais para organização do material;
- espaço para o descanso individual;





- murais para exposição dos trabalhos e comunicação;
- fotografias e outras imagens para expressão dos sentimentos;
- paredes ornamentadas com materiais informativos: contrato de convivência, calendário, dicas de livros, desenhos, trabalhos dos estudantes, agenda diária, Guia de Ensino e de Aprendizagem, mapas;
- estantes acessíveis com materiais de uso cotidiano.



Tapetes e carpetes também diminuem o barulho, o que por sua vez, reduz o estresse e favorece as conversas. Os ambientes ruidosos levam as crianças a ignorar a fala.

Essa condição da sala de aula, em espaços diversificados, favorece a organização da prática pedagógica de maneira alinhada à construção da atitude protagonista e autônoma, do senso de competência e o autocontrole das crianças, bem como à possibilidade de trabalho com a heterogeneidade de interesses, de ritmos e de níveis de aprendizagem.



A Fotografia dos Sentimentos é uma proposição de quadro onde os estudantes representam como estão se sentindo naquele dia. Eles podem representar, por intermédio de desenhos, emoticons ou outras formas de expressão, se estão alegres, tristes, motivados, mal-humorados, aborrecidos, curiosos, com sono, com fome, com saudade, cansados, felizes, etc.





Por essa razão, a sala de aula flexível deve ser considerada como parte integrante da ação pedagógica e pensada em parceria com as crianças, considerando suas características e necessidades, o que favorecerá a construção de um espaço organizado onde pode-se planejar boas intervenções nos processos de aprendizagem dos conteúdos previstos no currículo.

Um dos espaços diversificados na sala de aula flexível apresentado no Modelo da Escola da Escolha é o **Cantinho de Leitura** – especialmente estruturado para o encontro dos estudantes com uma rica e variada seleção de livros e portadores de texto.

A finalidade deste espaço é que ele possa ser um lugar preferencial e uma marca para as crianças e familiares em relação à importância que os professores e a escola atribuem aos livros e à leitura.

ORIENTAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DA CANTINHO DA LEITURA

- O acervo deve ser amplo e diversificado para multiplicar e enriquecer as experiências das crianças;
- Os livros devem possuir distintas funções, temas e estruturas de níveis consideráveis de complexidade, incluindo contos ilustrados, contos mais longos, poesia, lendas, livros de informação ou documentários, dicionários, atlas, livros para brincar com a linguagem, revistas, jornais, receitas culinárias, bulas de remédios, entre tantos outros portadores de texto;
- Os livros podem ser alternados nos expositores e devem estar em altura que permita o acesso das crianças;
- Um mural com dicas e imagens de personagens e capas de livros, bem como uma listagem dos títulos disponíveis para o apoio, caso haja necessidade ou desejo de retornar a um texto lido, para aprofundar ou matar saudades, é uma boa ideia;
- Periodicamente os estudantes terão sido estimulados em sua curiosidade e motivados a buscarem novos estímulos.

Para as crianças do 1º e 2º ano que estão ingressando neste mundo letrado, o **Cantinho de Leitura** deve ser valorizado como espaço de prazer, diversão e conhecimento. Para as que estão finalizando a primeira etapa do Ensino Fundamental, 4ºs e 5ºs ano, é importante renomear o espaço e tratá-lo por **Minibiblioteca**, atendendo assim as especificidades





Na Escola, é preciso...

Ter em mente que os espaços de aprendizagem em sala de aula proporcionarão às crianças:

- ✓ Brincar com os seus pares em ambientes organizados;
- ✓ Tomar decisões diante das várias opções de escolha;
- ✓ Manusear materiais diversos com segurança e independência;
- ✓ Expressar-se por meio de diferentes linguagens: oral, corporal, plástica;
- ✓ Movimentar-se com segurança e independência;
- ✓ Comunicar e expressar sentimentos, ideias e necessidades por intermédio da fala;
- ✓ Participar de situações de leitura e escrita diversas em situações reais, interessando-se por histórias, músicas, jogos;
- ✓ Utilizar a fala para brincar, conversar, contar histórias, expressar desejos, pedir apoio, revelar suas necessidades e opiniões.

dessa etapa do desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos e habilidades no uso da leitura e escrita.

Na sala de aula da Escola da Escolha deve também existir **tempo e espaço para o brincar**. Que seja um brincar espontâneo, brincar com objetos variados, com brinquedos fabricados e brinquedos por criar. Os brinquedos podem ser elaborados pelas crianças ou trazidos de casa, mas precisam estar num lugar específico, prontos para serem acesados. Um baú, um cesto, uma caixa, uma estante e um tapete são poucos elementos e já compõem esse espaço na sala de aula, considerando que o mais importante vem do imaginário da criança.

O rodízio de materiais, brinquedos e elementos que estimulem a curiosidade, provoquem questões e diálogos entre os estudantes em sala de aula. Os novos materiais podem ser trazidos pelo professor ou pelas crianças para compartilhamento. Dessa maneira acontece a inserção desse novo elemento na rotina semanal da escola, oportunizando a ampliação do repertório de novos trabalhos educativos.



O Papel do Educador é...



Alinhar-se às tendências contemporâneas de modo que a sua prática pedagógica esteja pautada na interatividade, na criação de espaços para perguntas e reflexões que possibilitem a expansão da imaginação e criatividade, bem como considerar a dimensão dos aspectos socioemocionais, da diversidade, multiculturalismo e a valorização de todas as inteligências;

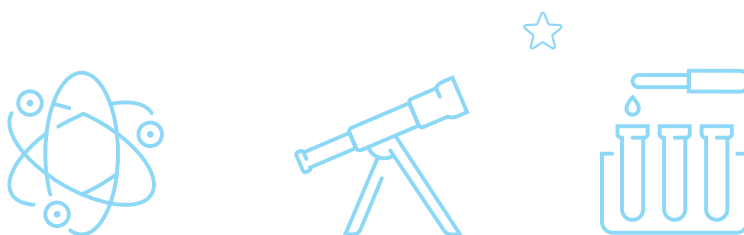


Promover um ambiente flexível de aprendizado pleno, de alegria, respeito e autodesenvolvimento, fortalecimento do autoconceito, autoimagem, autoestima e empatia, onde é feliz enquanto se aprende.

A Eureka-teca - Espaço de Experimentações e Descobertas!

“A curiosidade, instinto de complexidade infinita, leva por um lado a escutar atrás das portas e por outro a descobrir a América”.

Eça de Queiroz



Eureka! Eureka!

A escrita é uma invenção! Ela foi decisiva para a história da humanidade porque é um meio durável e privilegiado de comunicação entre as pessoas. Ela é a representação que se faz por meio de símbolos do pensamento e da linguagem humana. Por meio de registros escritos há milhares de anos, nos tornamos conhecedores da vida e da organização dos povos que viveram muito antes de nós.

Escritas de forma independente em épocas diferentes foram concebidas nas várias regiões do planeta, desde a Mesopotâmia, China, Egito e América Central. Não fosse por isso (e por quem teve a ideia de escrever isso!), você não estaria lendo esse texto agora!

Devemos muita coisa aos bons e brilhantes inventores que vieram antes de nós. Mas, quantos outros fantásticos inventores estão por vir? De que forma a Escola da Escolha contribui para esse evento?

Neil deGrasse Tyson, um destacado astrofísico norte americano, fala da ciência como atividade genuinamente humana, algo fundamental em nosso DNA que impulsiona a curiosidade porque, segundo Tyson, *“nascemos cientistas”*. A atitude curiosa da criança diante do mundo, dos objetos, da natureza e dos fenômenos é a mesma de um cientista porque a criança deseja descobrir, tocar, girar objetos, revirar pedras, dissecar sapos e peixinhos, arrancar folhas, espionar formigas e minhocas, assim como as maçanetas e as tomadas. Explorar, enfim, o ambiente por intermédio da experimentação e da sua atitude curiosa.



Galileu, Nise da Silveira, Steve Jobs, Katherine Johnson, entre outros gênios, viveram de maneira intensa as possibilidades que um espírito curioso pode proporcionar, permitindo que eles contribuíssem de tal maneira com a humanidade, que talvez, nem eles próprios esperassem a grandeza de suas contribuições. Certamente, eles não olharam para o futuro apenas com base na memória do que já sabiam.

A **curiosidade** é a capacidade humana e inata de investigar, aprender e explorar pela observação. A curiosidade faz parte do instinto humano, faz com que um ser explore o universo ao seu redor agregando novas informações às que já possui.

Explorar, descobrir, pesquisar... são as palavras que definem esse ambiente de aprendizagem, um lugar vivo para muitas experimentações e descobertas na Escola da Escolha. **É o lugar para desenvolver a capacidade de não se conformar com aquilo que já é conhecido, de perceber que pode haver um jeito de fazer diferente, de não querer parar de descobrir, nunca!**

Enquanto para muitos esse espírito é influenciado pelo provérbio “a curiosidade matou o gato”, na Escola da Escolha as crianças são estimuladas a observar, a indagar, a conhecer a novidade, até ser levada a aprender a pesquisar metodicamente, de maneira mais rigorosa, ampliando os limites daquilo que já é conhecido.

Na Escola da Escolha este espaço de aprendizagem se localiza na própria sala de aula



Galileu foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano reconhecido por ter sido personalidade fundamental na revolução científica sendo considerado o “pai” da ciência moderna.

Nise da Silveira foi uma médica brasileira reconhecida por humanizar o tratamento psiquiátrico no Brasil, contrariando as formas agressivas tradicionalmente usadas em sua época.

Steve Jobs foi um inventor e empresário norte-americano do setor da informática, notabilizado por revolucionar a indústria dos computadores pessoais, filmes de animação, telefones e publicações digitais por computação gráfica.

Katherine Johnson é física, matemática e cientista espacial norte-americana, reconhecida pelas contribuições para o avanço da aeronáutica e exploração espacial. Seus trabalhos junto à NASA em 1969 foram determinantes para a missão espacial da Apollo 11.



PARA SABER MAIS:

SIMMONS, John. Os 100 Maiores Cientistas da História. São Paulo: Difel, 2002.

IGNOTOFSKY, Rachel. As Cientistas: 50 Mulheres que mudaram o mundo. São Paulo: Blucher, 2017.





“A curiosidade matou o gato” é um provérbio popular originado na Europa medieval, na época da “caça às bruxas”, quando os gatos (principalmente os pretos) eram associados a estas. Com o intuito de acabar com a proliferação dos gatos, alguns faziam armadilhas, usando como iscas coisas estranhas que chamavam a atenção do felino e graças à sua curiosidade o gato acabava caindo na armadilha. Até hoje é utilizada para inibir e/ou alertar as pessoas quanto a possíveis riscos resultantes da atitude curiosa diante do que se desconhece.



PARA SABER MAIS:

https://pt.wikipedia.org/wiki/A_curiosidade_matou_o_gato. Acessado em 29/5/2016

<http://ciencia.hsw.uol.com.br/curiosidade1.htm>. Acessado em 29/5/2016

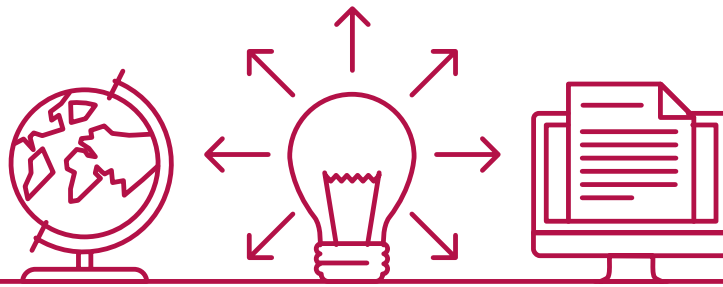
ou em outro espaço educativo da escola, de forma que as crianças tenham acesso e que intencionalmente sejam levadas a explorar durante todo o período escolar. Deve fazer parte do planejamento do professor oportunizar o contato das crianças com este ambiente, muitas vezes para o início de alguma aula ou trabalho específico, fazendo com que entrem em contato com algum material catalizador da curiosidade e vontade de descobrir, do desejo de conhecer e saber.

Nesse espaço, as crianças manuseiam materiais e objetos para o desenvolvimento de conhecimentos sobre os fenômenos físicos, naturais e sociais por meio da observação de animais, plantas, minerais e outros elementos do mundo natural e social.

Como organizar a Eureka-teka

Para a implantação da Eureka-teka é necessária uma organização simples e eficaz. A seguir, algumas orientações:

- Escolher um local na sala de aula para a instalação da Eureka-teka, um ambiente de aprendizagem que permita o livre acesso das crianças;
- Dispor de nichos, prateleiras, estantes ou outra opção onde os materiais serão expostos;
- Prover um substancial acervo de materiais variados, coleções, aparelhos



fora de uso e garantir o rodízio periódico etc.

MATERIAIS PARA COMPOSIÇÃO DA EUREKATECA

- Coleção de pedras, folhas, insetos;
- Areia, cascalho, argila, rochas, calcário;
- Balança;
- Lupas;
- Relógio de mesa;
- Termômetro;
- Ímãs (naturais e/ou artificiais);
- Potes de vidro (para acompanhar a germinação e o crescimento de vegetais);
- Aparelhos fora de uso (telefones convencionais de mesa e celulares, óculos, câmera fotográfica analógica, rádio portátil, relógios, lanternas, bússolas – para explorar e desmontar);
- Cadernos para anotações, fichários e pranchetas;
- Globo terrestre e mapas;
- Calendários;
- Réguas de diversos tamanhos e tipos;
- Objetos específicos de acordo com trabalho pedagógico que esteja sendo desenvolvido (adereços indígenas, instrumentos de trabalho de algumas profissões, etc.).





Alguns procedimentos técnicos devem ser assegurados:

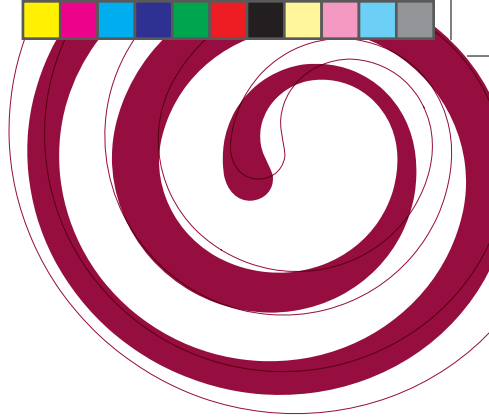
- A estruturação da aquisição e tombamento dos materiais;
- As doações podem ser muito valorizadas, mas é importante verificar as condições do material antes de incorporá-lo ao acervo;
- Cada material adquirido deve ser registrado em um catálogo que permaneça à disposição da comunidade escolar;
- Cada material deve ser anotado separadamente, mesmo quando forem duplicatas;
- O acervo deve ser atualizado com frequência. No caso de perda, restauração ou descarte, é importante comunicar a comunidade escolar o que pode ser realizado pelas crianças, que são corresponsáveis pela Eureka-teka.



Na Escola, é preciso...

- ✓ Assegurar que a Eureka-teca seja utilizada por todos os professores de acordo com seu planejamento prévio. Para isso, recomenda-se a organização de uma rotina que atenda as diferentes faixas etárias das crianças;
- ✓ Que o funcionamento e preservação da Eureka-teca e dos materiais conte com a atuação das crianças. Elas devem ser estimuladas a elaborar conjuntamente as Regras de Convivência para usufruir do espaço plenamente, cuidando e exercendo o seu protagonismo.





A Sala para Estar

“*Sinto, logo existo.*”

Robert Witkin



No século XII, muitos filósofos em suas respectivas escolas, refletiram sobre a essência da existência humana. Descartes, expoente da escola racionalista, sentenciou que “*penso, logo existo*” – pedra fundamental do pensamento racional, seria a expressão da nossa condição e existência. John Locke, representante da corrente empirista para quem a experiência e as informações advindas dos sentidos traduzia a nossa essência, declarou: “*sinto, logo penso*”. Mas, no início dos anos 70, o sociólogo inglês Robert Witkin publicou um livro sobre os processos criativos das artes chamado “A Inteligência do Sentimento”, afirmando que igualmente importante seria também considerar “*sinto, logo existo*”, tendo em vista que os sentimentos e as emoções constituem uma dimensão da consciência humana. Afinal, ser é pensar e sentir.

Nesse sentido, é importante a existência de uma sala destinada às crianças para que elas simplesmente possam estar. Estar bem, estar calmo, estar triste, estar pensativo, estar agitado, estar ansioso, estar com raiva, estar com vontade de permanecer sozinho por um tempo, estar com vontade de refletir sobre algo, estar com vontade de ficar quieto e silencioso, estar zangado, estar com saudade de algo ou de alguém... e que nesta sala possam permanecer tendo essa necessidade que eventualmente possa existir, mesmo num dia absolutamente comum, atendida, sozinhas ou com o apoio dos seus professores.

Para as crianças menores esse ambiente pode ser destinado ao repouso, principalmente para aquelas que se encontram no 1º ano do Ensino Fundamental, ainda acostumadas com a rotina escolar da Educação Infantil.

COMO ORGANIZAR A SALA PARA ESTAR

Para a composição desse ambiente, recomenda-se o uso de materiais que favoreçam o acolhimento das crianças de maneira confortável.

Indicamos o uso de sofá, poltronas, tapete ou colchonete, almofadas, música suave, e muitos elementos que reflitam delicadeza e serenidade na ornamentação. Um espaço físico fixo, uma sala pequena ou um espaço reconhecido como tranquilo para a organização da Sala para Estar, como o final de um corredor ou um terraço, podem ser opções para a criação desse ambiente.





Esse ambiente também pode abrigar momentos de atendimento às famílias, aos professores e às crianças. É um espaço para acolhimento, uma conversa tranquila, um apoio a quem precisa, um espaço solidário, que também é o espaço para a resolução de conflitos entre as crianças por meio de uma conversa amigável e conciliadora mediada por um adulto e impregnada pela Pedagogia da Presença.

Os ambientes de aprendizagem e convivência para além da escola e a sua relação com a comunidade – algumas possibilidades

Na Escola da Escolha amplia-se o olhar sobre o que constitui os espaços educativos para aprendizagem e convivência. Nesse sentido, a sala de aula e os espaços tradicionalmente reconhecidos como “lugares onde se ensina e se aprende” não são os únicos espaços pedagógicos possíveis na Escola. Em princípio, qualquer espaço interno ou externo à escola pode tornar-se pedagógico, dependendo da intenção e da forma como o utilizamos. Assim, praças, parques, museus, exposições, feiras, cinemas, teatros, supermercados, exposições, galerias, zoológicos, jardins botânicos, reservas ecológicas, ateliês, fábricas, ruas, calçadas e tantos outros também podem ser reconhecidos como espaço onde se ensina e se aprende.

O professor deve estar atento à vida da comunidade e da cidade onde atua, buscando oportunidades interessantes que se relacionem aos projetos desenvolvidos na classe, ou que possam ser o início de novos projetos. Isto certamente enriquecerá e ampliará o projeto escolar que não precisa estar restrito à área





física da escola, podendo inclusive, estabelecer-se como espaço de trocas e intercâmbios com outras instituições educacionais.

Nas aulas de campo as crianças observam e conhecem mais profundamente o seu meio. A expressão “aula-passeio”, em geral, é muito utilizada e o fato de se dar fora do contexto de domínio da escola e dos professores não pode ser confundida com momento de lazer e diversão, embora possa e deva ser agradável e divertida, mas não como seu fim.

Ao sair com as crianças visamos estimulá-las a desenvolver a capacidade de observar e, por intermédio da ação, trazer o conteúdo desse exterior para dentro da escola. Ao retornar, eles comentam sobre o que viram, analisam, acrescentam observações, escrevem textos e ilustram de diversas formas as suas observações.

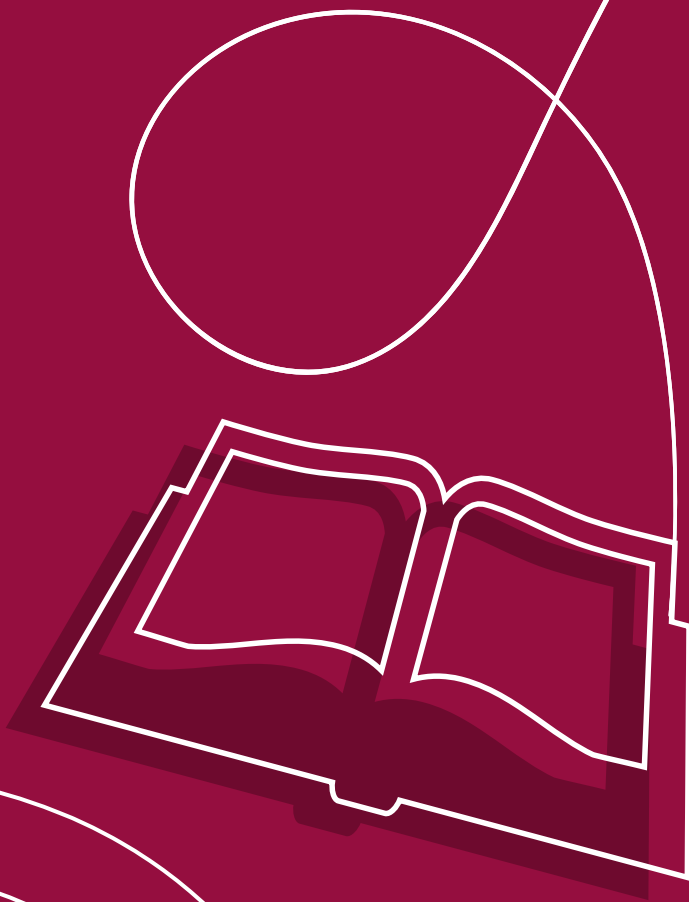


Para Freinet, as aulas de campo surgiram da necessidade de aproximar o trabalho em sala de aula da vida real das crianças. De acordo com Freinet, essa era uma forma de trazer para a sala de aula a alegria e o entusiasmo que ficavam na porta de entrada da escola tradicional. Ele indicava a importância de levar os estudantes para onde se sentiam felizes: lá, ou seja, do lado de fora. Ele percebeu e demonstrou que o ensino é muito mais eficiente quando se baseia no desejo e no prazer do educando.



A seguir apresentamos uma ilustração dos Espaços Educativos da Escola da Escolha.









Caro Educador!

Aqui encerramos o **Caderno de Formação - Espaços Educativos**. Esperamos que ele tenha apoiado a sua trajetória na apropriação dos conhecimentos teóricos essenciais para dar suporte à sua atuação na Escola da Escolha. Considere, sempre, que essa leitura deve ter sido uma entre muitas a serem realizadas e que os estudos em torno do Modelo para assegurar o seu pleno domínio demanda método, dedicação e associação com outros dispositivos, a exemplo dos estudos tanto individual quanto coletivos, reflexão acerca da própria prática pedagógica realizada e sua efetividade e a ampliação do acervo de referências tanto teóricas quanto práticas a serem incorporadas no processo formativo que agora se inicia na sua trajetória como educador de uma Escola da Escolha.

As referências bibliográficas utilizadas na concepção desse Caderno e recomendadas para os seus estudos podem ser encontradas no Caderno Concepção do Modelo da Escola da Escolha.



